

ALGUNS MINUTOS COM TUA MÃE

Obrigado.

Sou devedor de um duplo agradecimento aos tradutores.
Um duplo obrigado, porque eles traduzem
minhas reflexões do francês ao português,
e porque, com a tradução,
o texto se torna mais belo que o original.
Isso quer dizer que eles entram no espírito
da reflexão e que, de certo modo,
eles mesmos viveram o que é afirmado.

Os tradutores são os Irmãos maristas
Salvador Durante, Virgílio Balestro e A. Kuhn.
Mas, quem dá o retoque final ao conjunto,
verdadeiro artista na língua de Camões,
é o Ir. Aloisio Kuhn, marista como eu.
Ele comprova arte, generosidade
e paciência, ao dar de seu tempo.
Acima de tudo, há anos, é um precioso amigo.

Irmão Giovanni Maria Bigotto, Irmão Marista

7 de outubro de 2011, festa de N. Sra. do Rosário.

Fianarantsoa, Madagascar

ÍNDICE

Alguns minutos com tua Mãe	p. 2	
Palavra de introdução	p. 3	
1-Maria, como perspectiva global	p. 5	
2-A Jesus por Maria	p. 7	
3-Na fonte	p. 9	
4-Por seus frutos os conhecereis	p. 10	
5-O fermento na massa	p. 12	
6-‘Fruto de um ventre generoso’	p. 14	
7-Ninguém tem amor maior (Jo 15,12)	p. 16	
8-Pura expansão do Cristo	p. 17	
9-A Bem-aventurada Virgem Maria	p. 18	
10-Maria nos precede, por nós intercede e nos espera	p. 19	p. 23
11-Maria, a Virgem	p. 21	
12-Não conheço homem (Lc 1, 34)	p. 23	
13-Um sim plenamente iluminado (Lc 1, 26-38)	p. 25	
14-Nove meses no seio	p. 27	
15-E você lhe dará o nome Jesus (Mt 1, 21 e Lc 1,31)	p. 29	
16-O sinal	p. 31	
17- O hino de Isabel	p. 32	
18-O Magnificat, escola de oração	p. 34	
19-No Magnificat, Maria pensou em nos	p. 35	
20-Os dois Magnificat	p. 37	
21-Feliz o ventre que te trouxe (Lc 11, 27)	p. 38	
22-História ou Teologia? Teologia e História	p. 39	
23-Estranhas coincidências	p. 41	
24-O sangue : Serviços e limites do parentesco	p. 44	
25-Ele não feoi gerado do sangue (Jo 1, 13)	p. 46	
26-A fé no momento da Cruz	p. 48	
27-Caminhar com os imprevistos de Deus	p. 50	
28-A fé de uma peregrina	p. 52	
29-Caminhamos para ti	p. 54	
30-Peregrinos de Maria	p. 55	
31-A Ave às avessas	p. 56	
32-Não é tu Maria	p. 58	
33-Simples oração a Maria	p. 58	
34- Geneseos (Mt 1, 1-25)	p. 60	

PALAVRA DE INTRODUÇÃO

Eis uns trinta textos sobre a Mãe do Senhor. Surgiram sem grande ordem, ao ritmo da oração e das reflexões. Têm eles alguma ambição? Abrir o espaço de alguns minutos com a Mãe do Senhor, como sugere o título.

A experiência prova que reservar algum momento, todos os dias, para estar como nossa mãe – entregue a nós pelo Cristo agonizante e parte do testamento do Filho – introduz numa relação filial em que o Filho, tanto quanto a Mãe, se revelam em sua intimidade e fazem viver momentos de admiração, de surpresa e amor. Constitui uma ajuda extraordinária para progredir no caminho da fé.

De fato, essa fidelidade no encontro com nossa Mãe, conduz também a um apostolado muito concreto de um testemunho variado em favor de Jesus, de Maria e da Igreja, afinando em nós, ao mesmo tempo, a atenção aos outros. A Mãe nos educa e, lentamente, por osmose, refluem em nós suas qualidades humanas, sua fé e as graças de que ela dispõe em abundância. Maria conduz a Deus, mas nos aproxima sempre do semelhante. Não é por nada que Deus se fez um de nós. Maria aproxima Deus dos homens.

Cada reflexão pode ser lida em menos de cinco minutos. No entanto, todas podem acender em nós luzes inesperadas, perspectivas novas. Tornamo-nos como o comerciante dos evangelhos, em busca de pedras preciosas: em cada uma das reflexões, teremos a agradável surpresa de descobrir tal ou tal diminuta pedra preciosa. Farão parte de nosso tesouro espiritual, de nosso acervo, que outros terão ocasião de visitar e de haurir de nossa riqueza.

Posso apenas desejar-lhes boa caminhada com aquela que é a Mãe do Senhor e nossa Mãe. Lembremo-nos que ela foi a primeira a colocar-se nos caminhos dos homens para trazer seu filho a todos aqueles que o acolhem. Com Maria precisamos encontrar depressa o caminho para a terra sempre nova dos homens.

Ir. Giovanni Maria Bigotto, Marista

1- MARIA COMO PERSPECTIVA GLOBAL

O título não nos deve induzir em erro. Ele não diz que Maria é o centro, mas que encontrando-a nas Escrituras, podemos olhar para Jesus, para a Trindade, para a Igreja, descobrir a natureza do homem, da mulher, da salvação. Maria situa-se sempre dentro de um contexto; a Mariologia, que se fixasse apenas em Maria, seria susceptível de ser um trabalho distorcido e inútil.

Maria é pessoa de relações, manter-se em sua companhia é, com certeza, a oportunidade de encontrar-se com o seu Filho, o projeto da salvação de Deus; a Igreja que a contempla, apresenta-a nas Escrituras, o homem nos seus amores, nas suas necessidades, na sua longa história. É impossível olhar para a Virgem Maria e aprofundar uma reflexão sobre ela sem que ela se colore de cristologia, eclesiologia, antropologia, e seja encontrada na malha das Escrituras. O olhar sobre Maria não isola; pelo contrário, é uma pessoa à moda de encruzilhada, onde convergem as avenidas da vida.

Andar com Maria não é necessariamente fazer dela o primeiro personagem ou o centro dos personagens. Acontece muitas vezes que, privilegiando a sua companhia, Jesus nos pareça mais real, mais próximo e surpreendente nas relações que cria com ela e conosco. Num clima em que é possível desenvolver uma profunda reflexão antropológica, descobrimos a importância que temos aos olhos de Deus, posto que uma das nossas mulheres, na sua liberdade, possa ter tecido laços de maternidade, de vida, de amor por Ele. Deus quer tudo isso. Na liberdade da jovem Maria, descobrimos as audácias de nossa própria liberdade; na graça que é oferecida à mãe, lemos o plano de Deus sobre cada um de nós. Exatamente quando Maria pede para falar com Jesus, Ele responde: "Quem é minha mãe...? Todos aqueles que fazem a vontade de meu Pai são, para mim, irmãos, irmãs e mães!" O privilégio da mãe está disponível para todos; a sua prerrogativa torna-se nossa prerrogativa; aos olhos de Deus somos para ele irmãos, irmãs, mães. Em Maria lemos a grandeza do ser humano.

Maria é uma mulher, nela se manifesta a grande riqueza da natureza feminina: a capacidade de inteligência, de liberdade, de aventura face à descoberta, capacidade de fazer nascer e defender a vida, de envolvê-la de amor, fidelidade e responsabilidade. Todas as mulheres, tal como Maria, podem dizer de seus filhos: "Tu és osso dos meus ossos e carne da minha carne." Todas as mulheres compartilham com Maria a "espada" que paira sobre o filho e também trespassa a mãe. Fidelidade da mulher quando o destino é contra: "Perto da cruz de Jesus estavam sua mãe, a irmã de sua mãe, Maria, mulher de Cléofas e Maria Madalena" O evangelista só nomeia mulheres quando a tragédia do Filho chega ao paroxismo. Jesus chama sua mãe de "mulher", que foi o primeiro nome que Adão deu a Eva. Maria é o espelho da rica natureza feminina: ela é virgem, esposa, mãe, membro da família, humilde serva que todas as gerações proclamam bem-aventurada. A aventura humana é um constante diálogo entre o homem e a mulher. A História é sempre masculina e feminina, desde que Deus criou o homem e a mulher à Sua imagem e semelhança. Em Jesus resplandece a verdadeira imagem de Deus; em Maria, a sua semelhança. Toda a história se centra de novo em Jesus e Maria, o homem novo, e a mulher nova.

A Igreja também diz que se reencontra na Virgem Maria; nela a Igreja reconhece-se como esposa, mãe, missionária. A Igreja, desde que nasceu, encontrou-se sempre ao pé da cruz: as perseguições e os mártires nunca lhe faltaram. As alegrias e as dores de Maria são também as alegrias e as dores da Igreja; as graças da mãe do Senhor derramam-se sobre a Igreja. Como o orgulho da Virgem está todo no Seu Filho, assim a Igreja tem orgulho no seu Senhor. A Igreja está orgulhosa de seu Senhor, alegre com o nascimento de seus filhos, gloriosa em seus santos, entristecida pelos nossos pecados, muitas vezes desprezada ao anunciar o Senhor. A Igreja implora Maria, canta os seus louvores, e reflete-se nela como num espelho. Um fiel familiarizado com a Virgem Maria conhece melhor a Igreja e ama-a mais.

Maria é particularmente indicada para conhecermos o seu Filho. Em sua companhia olhamos para Ele com olhos de mãe, aprendemos a acolhê-lo com um coração materno. Com Maria, tornamo-nos

atentos aos títulos que são dados ao menino e que nos mostram as facetas da sua identidade. No dia da Anunciação, o anjo fez o seguinte retrato da criança cujo nome é Jesus: "Ele será grande, Filho do Altíssimo, filho de Davi, Rei, e Rei para sempre, santo, Filho de Deus". Maria recebe a mensagem, uma palavra cheia da identidade do menino. Ela e nós, tornamo-nos os servos da Palavra. Maria, em seguida, sai com a criança que nela se forma; é a primeira vez que Jesus é levado pelas estradas dos homens, a primeira missão cristã. No grande encontro da Visitação, o filho de Maria recebeu o título de Senhor, com este adjetivo amoroso e possessivo "meu Senhor". No dia de Natal, Jesus é o primogênito, o Salvador, Cristo, Senhor, alegria para muitos, glória de Deus e paz para nós, homens. Na Apresentação no Templo, e enquanto ele está nos braços de sua mãe, o menino é adornado com os títulos de maior prestígio: ele é o filho, o primogênito, a salvação preparada perante as nações, o Messias do Senhor, a luz das nações, a glória de Israel, o sinal de contradição. Quando estudamos as passagens dos Evangelhos onde Maria está presente, como sempre, encontramos o Filho, mas a mãe está presente por causa do Filho. Considerando o seu relacionamento com sua mãe, entendemos o relacionamento que Jesus quer ter conosco. Maria e Jesus são duas pessoas que se olham e que se refletem mutuamente.

Maria é uma pessoa de muitas ligações e de muitos amores. Nela se descobre Deus, a Santíssima Trindade, Jesus, o Senhor, a Igreja, o homem, a mulher, a família, seu marido José. Ela é a mulher cujo coração é o santuário da palavra, lugar de meditação: as Escrituras são acolhidas, cumpridas; ela nos dá o seu afeto materno para entender o que é a Redenção. O *Magnificat* de Maria Virgem enraíza-nos na misericórdia de Deus, que envolve todas as gerações de seu povo, a partir de Abraão, e ela anuncia as bem-aventuranças do Filho. Nela vive o passado, o presente e o futuro da filha de Israel; nela começa a nova família de Jesus, a Igreja. Maria é uma perspectiva global, e o que nós contemplamos a partir dela é também exaltado. Ela é, simultaneamente, "a serva do Senhor", a mãe-serva da Igreja, a mãe-serva de toda a humanidade, nossa mãe.

2- A JESUS POR MARIA

Tina Beattie é uma teóloga, doutora em Mariologia, nascida em Lusaka, em 1955. Ela vem de uma família evangélica, mas aos 32 anos se converteu à fé católica. O que a ajudou nessa mudança foi a redescoberta da Virgem Maria, descrita no livro *Rediscovering Mary (Redescobrendo Maria)*, de 1995. Volta-se à Mãe de Jesus com um olhar de mulher, com sua experiência, sua cultura e sua sensibilidade feminina. Mulher de grande cultura - ela escreveu muito para as crianças - contempla a mulher por excelência. Essa leitura feminina projeta luzes novas sobre o que Maria viveu, sobre o mundo feminino, suas alegrias, seus problemas. Nesse livro, um coração de mulher e uma inteligência feminina nos conduzem às profundezas do coração e da alma da jovem Maria. Estamos longe dos caminhos repetitivos (*les sentiers battus*). *Rediscovering Mary* cria em nós uma sensibilidade nova, atenção a aspectos e a problemas que, habitualmente, permanecem à margem de nossas pesquisas.

Partindo de sua dupla cultura, protestante, no começo, e católica depois, Tina Beattie propõe esta visão sintética: “Os Católicos vão a Jesus por Maria; os Protestantes vão a Maria por Jesus”.

« Os Católicos vão a Jesus por Maria » é muito verdade, no entanto, é um pouco reduutivo. O que Tina Beattie afirma, a Igreja católica o professa há muito tempo, e com modulações muito variadas.

1- “Ad Jesum per Mariam” reza o latim, de modo conciso. Na basílica do Rosário, em Lourdes, a abside é ocupada por um grande ícone que apresenta Maria, rainha. Num lado está escrito: “Por Maria”, e n’outro: “A Jesus”. Muitas famílias religiosas, fundadas no século XIX, assumiram como seu o eslôgão: “Tudo a Jesus por Maria; tudo a Maria para Jesus”.

2- Os grandes devotos da Virgem Maria colocam sempre Jesus no centro de seu apostolado. São Marcelino Champagnat, fundador dos Irmãos Maristas, considerava Maria seu Recurso Ordinário e recorria a ela com a confiança de uma criança. Mas o coração da missão educativa dos Irmãos será “tornar conhecido e amado Jesus Cristo”. Sem isso, dizia Marcelino, sua Congregação não teria razão de ser.

3- Teólogos e Papas, considerando que o Verbo veio a nós por Maria, pensam que Maria é o caminho normal para ir a Jesus. São Luís Grignon de Montfort expressou uma ideia muito próxima a essa. Na exortação apostólica *Marialis Cultus*, de 2 de fevereiro de 1974, Paulo VI escrevia: “Se quisermos ser cristãos, devemos ser marianos, precisamos reconhecer a relação essencial, vital, providencial, que une a mãe com Jesus e que ela nos abre um caminho que conduz a Ele” (24.4.1970). João Paulo II considerando a Virgem Maria aos pés da Cruz, dizia: “Ali, por dom maravilhoso de Cristo, ela se tornou também Mãe da Igreja, mostrando a todos o caminho que conduz ao Filho.” (*Incarnationis mysterium*, Bula da proclamação do grande Jubileu do ano 2.000, 14).

4- Um olhar atento àquilo que se vive nos santuários da Mãe de Deus conduz-nos a esta mesma conclusão: ali celebra-se a Eucaristia, proclama-se e explica-se a palavra de Deus; a fé se torna mais convicta e mais entusiasta, as pessoas se aproximam de quem está em dificuldade. Os santuários da Virgem não são apenas ‘laboratórios’ de fé; eles são também ‘laboratórios’ de humanidade. Recitam-se muitas ave-marias e rosários inteiros, mas o coração e o olhar estão fixos sobre o Filho, sobre sua vida e seus mistérios. Quase todos os peregrinos fazem a experiência de partir dos santuários com as baterias espirituais recarregadas e com uma nova alegria de viver.

5- Maria é também o espelho da Igreja e esta a contempla com grande atenção para descobrir-se nela, para reviver a fé e a generosidade de Maria, e como Ela, ser totalmente disponível ao Senhor. Modelo da Igreja, Maria o é também para cada cristão, e particularmente para os sacerdotes que precisam estar revestidos de sentimentos maternos em suas relações com os fiéis. Nós a contemplamos e rezamos para acolher Jesus assim como ela fez.

6- A fé ortodoxa vai nessa direção quando mete, na entrada de suas igrejas, o ícone da Anunciação e, na abside, a *Theotokos*, a Mãe de Deus: ela sugere todo um percurso marial e pede que o fiel reviva a aventura espiritual de Maria.

Assim é bem verdade que Maria é caminho para o Cristo. Mas, essa realidade, na Igreja católica, merece ser completada. Há ao menos três outros grandes caminhos espirituais que conduzem ao Senhor, na nossa Igreja. O primeiro é a Escritura lida, meditada, cantada, explicada e que desemboca no estudo-oração denominado “Lectio Divina”. Ela é disponibilizada em numerosos livros e, hoje, percorre os canais da informática. O encontro com o Senhor, nas Escrituras, é único, direto, profundo, sobretudo se é vivido numa oração de profundo silêncio.

A liturgia é também um via mestra que conduz ao Senhor. O itinerário litúrgico faz encontrar o Senhor nos diversos momentos de sua vida e na variedade de suas palavras. Na liturgia, o Senhor é celebrado, sua palavra, proclamada; o pão é partido e oferecido a todos. Se o encontro com o Senhor, nas Escrituras, tem com frequência um caráter privado, na liturgia se torna o encontro da comunidade dos fiéis; a primeira prefere o silêncio, a segunda, a proclamação e os cantos; na primeira, a Palavra é luz do coração; na segunda, a Palavra é luz para a comunidade. As grandes festas como o Natal e o Pentecostes colocam nossos passos nos passos do Senhor.

Precedendo a Escritura e a Liturgia, há outro grande caminho que conduz ao Senhor: é o homem mesmo, as irmãs e os irmãos próximos ou dispersos pelo mundo. Há um modo de encontrar o homem que é também e sempre um encontro com o Senhor. É o caminho que o Senhor nos indica no capítulo 25 do evangelho de Mateus: o homem que sofre fome, sede, que está doente, nu, ou na prisão, é sacramento do Senhor. O Verbo se fez carne e, desde então, a carne tornou-se santuário do Verbo. Há sacramentos, mas o homem é o sacramento. Essa via mestra que conduz ao Cristo não conhece os limites da Escritura que deve ser lida em segredo, onde o Pai nos vê. Ela não conhece os limites da liturgia que se faz presente em determinadas horas do dia, em certos dias da semana. O homem nos cerca em toda parte; mais ainda, nosso corpo é templo de toda a humanidade, comunhão com nossos irmãos e nossas irmãs. Encontrar o homem é sempre ocasião de encontrar o Senhor. Um encontro com o outro pode ser a mais bela palavra que podemos dizer sobre o Outro. Todos os santos foram particularmente sensíveis e atentos ao homem, sobretudo ao homem provado pela doença, pela ignorância, a pobreza e a fragilidade psicológica. E a Igreja, nossa mãe, se diz perita em humanidade.

Mas nós, católicos, caminhamos com os Protestantes aos quais dizemos: “É procurando Jesus que eles vão encontrar a mãe.” Eles descobrem que a mãe os precedeu como modelo de acolhimento e no colocar todo o seu ser a serviço do Filho. De fato, isso não é uma prerrogativa das Igrejas protestantes, todos os cristãos procuram primeiro a Jesus, coração de sua fé. A Igreja católica também está toda centrada no Senhor, na leitura da Escritura, na liturgia, na catequese e na missão. É aí que ela encontra a mãe com alegria e admiração, procurando fazer como ela e acolhendo-a em sua comunidade como fez o discípulo amado.

Maria, a Escritura, a Liturgia, o Homem são caminhos que se cruzam muitas vezes, fazem grandes trajetos de caminho juntos, enriquecem-se mutuamente e, juntos, conduzem a Jesus. Mas é verdade que Maria continua sendo nossa mãe, a mãe do Senhor e nossa; eis o que faz com que, de boa vontade e frequentemente, vamos a Jesus por Maria.

O cardeal Ângelo Comastri termina seu livro *L'angelo disse*, Edições São Paulo, 2007, com estas três afirmações concisas:

“Maria, com efeito, tem apenas um nome a nos dizer: Jesus;
Ela tem apenas uma certeza a nos propor: Jesus;
E tem apenas um segredo a nos revelar: Jesus”.

3- NA FONTE

O primeiro canto em louvor a Maria é cantado por uma mãe, mãe já idosa, a mãe do pequeno João Batista, a última mãe do Antigo Testamento. Todo o Novo Testamento já está contido no seio de Maria. Todo o Antigo Testamento, pela boca de Isabel, se inclina diante do filho de Maria, e ela é envolta nesse ato de adoração: o filho bendito, ela bendita; o filho Senhor, ela a Mãe do Senhor; bem-aventurada por ter acreditado na palavra do Senhor.

Esse hino surgiu na primeira missão cristã, quando o menino Jesus trilha, pela primeira vez, os caminhos dos homens. Ele é pronunciado no solar da casa, a primeira palavra de acolhimento; ele é dito depois da saudação de Maria, ela, voz de seu filho. Ele surgiu no quadro da missão, da amizade, da partilha das graças: duas mães se encontram, ambas surpreendidas pelo amor de Deus, duas mães que se vêem colocadas no começo da aventura salvífica, porque Deus gosta de valer-se das mulheres.

De que garantia goza esse primeiro hino a Maria? Primeiro, da presença de seu filho, reconhecido como Senhor. Quando Maria é louvada, o filho se faz presente em todo seu senhorio, num senhorio que recobre aquela que canta: ele é o Senhor de Isabel; ele é o Senhor de toda família de Isabel, e primeiramente de seu filho, pois Isabel irrompe em canto depois que seu filho a alertara, tendo exultado de alegria no seio de sua mãe. Em todos os verdadeiros louvores à Mãe, Jesus está presente. Ele escutou o primeiro hino, e escutará os demais, a nascer no correr dos séculos. Sua presença comprova que o canto à Mãe é válido e justo.

O Espírito também dá garantia a esse canto. Isabel é cheia do Espírito: é Ele que compõe esse hino. O retorno do Espírito nos assegura de que estamos *nos tempos* da salvação, nos *tempos* messiânicos. O Espírito que paira sobre Maria, o Espírito que inunda o filho de Maria, inspira Isabel. Todas as suas palavras levam o selo do Espírito: a bênção, a adoração do menino, a beatitude da Mãe, todas nascem do sopro do Espírito. O Espírito e Isabel cantam a uma só voz.

Lucas sabidamente projeta um olhar favorável sobre a jovem Maria. O evangelista inclui o hino de Isabel em seu evangelho. É possivelmente um canto que ele encontrou na Igreja de Jerusalém, quando pesquisou as fontes do evangelho, entre as testemunhas da Palavra. Lucas concede lugar a esse hino e, pelo fato, torna-se Palavra de Deus, palavra que orienta nossa fé e nossas atitudes de discípulos.

O evangelho de Lucas é precioso; mas, se ele hoje chega até nós, é porque a Igreja dos inícios o reconheceu como palavra inspirada e o acolheu em seus escritos. A Igreja oficial de Pedro e dos apóstolos reconhece a autenticidade do hino de Isabel. Ela conserva esse hino como um tesouro precioso a ser transmitido a todos os cristãos.

Encontramos um apoio suplementar a esse hino, justamente, em Maria. Ela canta o Magnificat, hino totalmente centrado em Deus, na sua presença e em suas maravilhas. Por isso, seguindo a inspiração de Isabel, ela dirá: «Doravante todas as gerações me chamarão de bem-aventurada». Ela confirma o que Isabel proclamou. E nós sabemos que essa profecia se realizou em toda a Igreja, através dos séculos.

O hino de Isabel tem as garantias mais autorizadas: aquela do filho de Maria, testemunha desse canto; aquela do Espírito cujo sopro inspira as palavras; aquela do Precursor que, por sua mãe, preannuncia sua missão, e a de Lucas que insere esse hino na corrente da Palavra de Deus, aquela da grande Igreja apostólica que acolhe o evangelho de Lucas como inspirado, transmitindo o hino, de geração em geração. E, finalmente, encontramos também a humilde Maria: «é verdade, todas as gerações me dirão bem-aventurada».

O primeiro hino a Maria vinha do céu. Foi pronunciado pela boca de Gabriel, no dia da Anunciação. Mas, o primeiro hino humano em louvor à Mãe do Senhor brotou da boca de uma mulher, de uma mãe, da mãe do Precursor, a última do Antigo Testamento, sob a inspiração do Espírito. Lucas e a Igreja dos apóstolos tiveram a sensibilidade de nele reconhecer um maravilhoso momento da salvação.

Todos os discípulos de Jesus podem colocar-se nessa trilha para homenagear sua Mãe. Estão na companhia de Jesus, do Espírito, do Precursor, de Lucas, da Igreja das origens; encontram ali a fonte de todo o respeito devido àquela que se deu sem reservas a seu filho e Senhor. E nós estamos no frescor dos primeiros momentos da salvação.

4- POR SEUS FRUTOS VÓS OS RECONHECEREIS

Em maio de 1976, um terremoto de magnitude 7, na escala Richter, destruiu muitos povoados das primeiras colinas do Friul. Mais de mil pessoas foram encontradas mortas sob os escombros. Os voluntários chegaram de todos os pontos da Itália. No seu contato com a gente do lugar ficaram surpresos ao saber que denominavam os filhos “*i fruz*”; o filho, “*il frut*”; a filha, “*le frute*”; e as filhas, “*li frutis*”. O elo é claro com “o fruto do ventre”. Mas essas palavras, tão comuns na linguagem falada, como que se distanciaram de seu sentido original, e quando são pronunciadas, hoje, evocam somente os filhos. Nessas palavras, permanece, entretanto, um sabor das origens que faz compreender que o filho é um tesouro ligado ao seio, à vida, ao amor.

É provavelmente na “ave-maria” que encontramos o parentesco mais forte com essa maneira de o Friul denominar o filho “*il frut*”, “o fruto”. Na primeira parte da ave-maria, dizemos: “E bendito é o *fruto de vosso ventre*, Jesus”. Jesus é o fruto do ventre de Maria, o fruto que a Virgem carregou e ofereceu a toda a humanidade. Maria é vista como uma árvore que carrega o fruto da vida. É isso que cantamos também no hino da festa do Corpo de Deus, o *Pange lingua gloriosi*: “... *fructus ventris generosi... Nobis datus, nobis natus, ex intacta Virgine*” (fruto de um ventre generoso... nos foi dado, por nós nasceu, de uma Virgem íntegra). Jesus muito bem disse que Ele é a Vida; que não há vida fora dele: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vai ao Pai senão por mim” (Jo 14, 6).

Jesus nos orienta para essa maneira de compreender sua Mãe como uma árvore boa, quando diz: “Toda árvore boa produz bons frutos... Pelos frutos deles é que vocês os conhecerão” (Mt 7, 17-20). Se referirmos a Maria o que Jesus acaba de dizer, acharemos que ele sublinha a identidade de sua Mãe: “Maria é uma árvore boa; essa árvore produziu o Fruto da Vida”. A Mãe do Senhor deve ser olhada como pessoa boa, fonte de Vida, fonte de Vida para nós. Duas árvores, frequentemente, são postas em paralelo. A primeira é a “árvore da vida” (cf. Gn 2, 9). Ela se levanta no meio do jardim, como a árvore mais importante do paraíso terrestre. Eva não estendeu sua mão sobre a “árvore da vida”, mas sobre a “do conhecimento do bem e do mal”. O casal das origens, como nós hoje, quis definir por si mesmo o que é bem e o que é mal, tendo por critério o que convém ao homem, segundo as circunstâncias. Disso resultou uma desordem ética sem limites, desordem que persiste hoje. Mas o casal das origens, Adão e Eva, não lançou a mão sobre a “árvore da vida”.

A outra árvore que é comparada à “árvore da vida” é a árvore da Cruz, onde pende o Fruto da Vida. Ele será despregado para cair como fruto maduro e oferecido a todos. Maria, que por primeiro carregou em si o fruto da Vida, permanece junto à Cruz. Há uma semelhança e um elo muito forte entre a Mãe e a Cruz; ambas carregaram e ofereceram o Fruto da Vida. As “*pietàs*” elevam o olhar mais longe: Jesus morto é entregue à Mãe, que o recebe e oferece. E isso bem mostra que a Mãe e o Filho estão unidos, como o fruto e a planta. É com esse olhar que podemos contemplar a “*Pietà*” de Michelangelo que se encontra na basílica de São Pedro.

Maria carregou no seu coração, na sua fé, no seu corpo, o Fruto da Vida. Este se fez pão e sangue para que sua vida passe a todos os que nEle creem. Jesus se exprime nesse registro de árvore e de frutos em sua semelhança com a vinha. “Eu sou a verdadeira videira... e vocês são os ramos. Quem fica unido a

mim, e eu a ele, dará muito fruto” (Jo 15, 5). Tocamos, aqui, uma grande realidade espiritual: Jesus, o Fruto da Vida, carregado pela jovem Maria, multiplica sua presença ao infinito, em seus fiéis. Mas também os ramos se tornaram capazes de carregar inumeráveis frutos. Diz um aforisma judaico: “Podemos contar as sementes que há numa maçã, mas não podemos contar as maçãs que há numa semente”. Cada grão contém uma possibilidade interminável de vida.

Então, descobrimos um laço misterioso, mas real, entre Maria e os discípulos de Jesus: a vida do Filho passa em todos eles e todos se tornam Filho, e ela, Mãe. É Jesus que o diz do alto da Cruz, quando se dirige a sua Mãe: “Mulher, eis aí o teu filho!”, e a nós: “Eis aí tua Mãe”. Ele exprime assim a profunda unidade que existe entre Ele e todos os que são reunidos por sua salvação. É uma unidade que lembra aquela das três pessoas da Trindade: “Para que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim e eu em ti. ... para que eles sejam um, como nós somos um” (Jo 17, 21-23).

Jesus fala do Pai que, na realidade, é a verdadeira Árvore da Vida. Não é a árvore da Cruz que é a árvore da vida, é o Pai que sustenta sobre a cruz os braços abertos do Filho: “Deus amou de tal forma o mundo, que entregou o seu Filho único...” (Jo 3, 16). Sobre a Cruz Jesus é como pregado ao Pai. Os mesmos cravos que trespassam o Filho penetram também no Pai. Se Maria está em relação estreita com a Cruz, ela está em relação ainda mais íntima com o Pai. Foi Ele quem confiou à jovem Maria, seu Filho, o Fruto da Vida.

Nessa visão do Filho pregado com o Pai, compreendemos melhor a maneira como o Filho morreu: “Ele entregou seu Espírito”. O último suspiro do Filho é o Espírito que vem sobre Maria e sobre o discípulo amado; e de um modo mais geral, sobre todos os discípulos e sobre a humanidade. A morte de Jesus é uma ação da Trindade. Em tudo isso Maria é presença maternal.

Falando das árvores, Jesus disse: “Pelos frutos deles é que vocês os conhecerão”. Os frutos dizem qual é a natureza da árvore. Maria também é reconhecida pelo Fruto que carregou. Toda a bondade de Maria chama-se Jesus.

Os habitantes do Friul chamam Jesus “il frut” de Maria, “il frut da Madone”.

5- O FERMENTO NA MASSA

O fermento libera um perfume particular, um odor que alcança o estômago e desperta o apetite. Ele se esconde na pasta e depois, no pão tirado quentinho do forno - pão cheiroso, crescido, leve, com crosta escurecida e dourada - estala gostoso entre os dentes. Daria para comer sem parar porque seu aroma renova o apetite.

« O Reino dos céus é semelhante a uma mulher que mistura fermento em três medidas de farinha, até que tudo fique fermentado » (Mt 13, 33). Tu não compreendes como isso acontece, mas vês que a pasta cresce, sobe e se torna mais leve. O fermento invisível está presente em toda a massa e, irresistível, libera sua força. Agora a massa está pronta para ser cozida no forno; dele será retirado como pão cheiroso que todos gostariam de comer. O Reino dos céus é semelhante ao pão apenas desfornado com seu odor irresistível: dá mesmo vontade de comer.

Estávamos numa missa, no momento da homilia. O sacerdote fez um breve comentário sobre a mulher que se dispõe a fazer pão: ela polvilha toda a massa com a levedura; em seguida, nela mergulha as mãos, bate, sacode, revira e conforma-a de modo que o lêvedo penetre em toda parte. Gesto enérgico da mulher, de suas mãos silenciosas; silêncio do fermento e da massa; silêncio enquanto tudo leveda. A ação do fermento é esperada, evidente. Ele libera uma força que nada pode conter; força que deixa a massa pronta para virar pão.

O celebrante concluiu sua homilia de modo surpreendente: « É Maria essa mulher que misturou na massa humana o verdadeiro fermento, Jesus. Nós estávamos como mortos, e Jesus nos recolocou de pé. Maria deu Jesus ao mundo e toda a humanidade cresceu em santidade.»

“O Reino dos céus é semelhante a uma mulher que põe o fermento na massa.” Quantas vezes Jesus viu sua mãe executar esse gesto quotidiano, porque, então, o pão se fazia em casa. Cena diária para o menino Jesus, cena admirada pelo adolescente Jesus, cena repassada de sentido para o jovem Jesus, e já então despertava nele a ideia de que o Reino de Deus é semelhante a uma mulher que mistura fermento e com suas mãos remexe a massa inteira, e tudo leveda.

Maria também, “enquanto o silêncio envolvia todas as coisas”, introduziu Jesus em nossa história, e ele cresceu em humanidade, enquanto a humanidade cresce nele; crescimento que não conhece limites, verdadeira ascensão rumo à divindade.

Jesus não apenas nos faz crescer, mas nos torna fermento; sua força em nós faz-nos capazes de repor em pé muitos dos nossos irmãos. “Já não sou eu que vivo, é Cristo quem vive em mim” (Gl 2,19). Estamos totalmente invadidos pelo fermento que Maria nos trouxe; a humanidade ao redor de nós pode esperar um renascimento: “Unidos a mim produzireis muitos frutos” (Jo 15, 5).

A grande missão de Virgem Maria foi, na verdade, esta: colocar no mundo um verdadeiro fermento, introduzir na história dos homens aquele que é o Senhor da vida, cujo amor renova todas as coisas. Somente depois que Maria tiver colocado no mundo seu Filho, “na plenitude dos tempos” (Gl 4,4), nós também, cheios do Espírito do Filho, poderemos gritar “Abba, Pai!” (Gl. 4,7).

O fermento e a massa devem passar pela prova do fogo para se tornarem pão, pão que nutre e faz viver. Jesus passou pela prova do fogo e pode dizer: “Eu sou o pão descido do céu. Quem comer deste pão viverá eternamente” (Jo 5, 50). Jesus é fermento e massa, Deus e homem.

Em nós, que somos a massa, Maria pode colocar o fermento; mas não podemos tornar-nos pão para os outros, sem passar pela prova do fogo, como Jesus.

O hino das Matinas, do Ofício da Virgem Maria, o diz poeticamente:

O valor do teu amor
permanece para sempre
escondido em nossas colheitas.
Mãe dos homens,
tu preparas, em segredo, o fermento do Reino
e o pão de nossas vidas.

Maria, mãe da levedura e da massa, intercede por nós, põe-nos no fogo e seremos pão.

6- “FRUTO DE UM VENTRE GENEROSO”

A primeira e a segunda estrofes do *Pange Lingua*, grande hino eucarístico, recordam a Mãe de Jesus com certa emoção na voz que provém do coração. Maria tem lugar no início do hino, recordando que o Verbo se fez carne, antes de fazer-se pão; que o Rei nasceu de mãe generosíssima, antes de poder, ele mesmo dando-se, saciar toda a humanidade. As duas estrofes iniciais encerram a Encarnação e a Eucaristia, isto é, toda a amplidão da vida de Jesus. No começo, uma mãe que nutre o Filho; no fim, um pão inexaurível. Assim o hino celebra a ligação entre a Mãe e a Eucaristia:

Pange, lingua, gloriosi,
Corporis mysterium,
Sanguinisque pretiosi,
Quem in mundi pretium,
Frustus ventris generosi
Rex effudit gentium.

Canta, ó língua minha,
o mistério do corpo glorioso
e do sangue precioso,
que o Rei das nações,
fruto bendito de um ventre generoso,
derramou pela salvação do mundo.

Nobis datus, nobis natus
Ex intacta Virgine,
Et in mundo conversatus,
Sparso verbi semine,
Sui moras incolatus
Miro clausit ordines.

Entregou-se por nós, e por nós nasceu
de uma virgem puríssima.
Viveu no mundo, oferecendo
a semente de sua palavra
e encerrou de modo admirável
o tempo de sua morada na terra.

Recorda-se a **generosidade** e a **virgindade** de Maria. Esta afirma sua dedicação total ao Filho; viverá somente por ele, colocando a seu serviço as energias do coração, do corpo, da mente, da fé, concretizando o primeiro mandamento: “Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua mente e com todas as tuas forças!” A generosidade de Maria, **fructus ventris generosi**, ao invés, se volta para nós: seu Filho, dado a nós, nascido para nós, é a generosidade da Mãe para com todos os discípulos: todos serão nutridos do mesmo pão. A generosidade da mãe revela-se na generosidade do pão eucarístico que ela preparou: pão inexaurível, a todos.

Nesse olhar estamos em comunhão com João Paulo II, quando escreveu sua encíclica **Ecclesia de Eucharistia** (17-04-2003). O último capítulo contempla Maria como a “mulher eucarística”: “Em certo modo, Maria exerceu sua *fé eucarística*, antes mesmo de a Eucaristia ser instituída, pelo fato mesmo de *ter oferecido o seu seio virginal para a encarnação do Verbo de Deus...* Há, portanto, uma *analogia profunda* entre o *fiat* pronunciado por Maria às palavras do Anjo e o *amém* que cada fiel pronuncia, quando recebe o corpo do Senhor... Maria antecipou também, no mistério da Encarnação, a fé eucarística da Igreja. Quando, na Visitação, carrega no seio o Verbo feito carne, ela se torna, de certo modo, “tabernáculo” – o primeiro “tabernáculo” da história – onde o Filho de Deus, ainda invisível aos olhos dos homens, se presta à adoração de Isabel, quase “irradiando” sua luz através dos olhos e da voz de Maria” (55).

O Papa desenvolveu a ideia de que no “Pange lingua” temos apenas uma semente repleta de futuro. Aqui, descobrimos como a nossa fé tem raízes profundas. O hino, o *Pange lingua gloriosi*, é atribuído a S. Tomás de Aquino que o escreveu em 1264. Mas, S. Tomás de Aquino se inspirou num hino homônimo – “Pange lingua” – composto em torno de sete séculos antes, por Venanzio Fortunato (530-607). O que cantamos hoje foi, por mais de 1500 anos, o canto eucarístico de nossos antepassados: Maria ocupava um lugar prioritário na fé e nos cantos deles.

Muitas vezes, a nossa fé hodierna aprofunda suas raízes nos séculos. O *Gloria in excelsis Deo* foi composto pelo papa Teléforo, bispo de Roma de 125 a 136. Na Igreja, em todas as missas festivas, há mais de 1800 anos, se canta o “Gloria in excelsis Deo”. É significativo recordar que todos os nossos antepassados cantaram esse hino de riquíssima cristologia: “Senhor Deus, Cordeiro de Deus, Filho de Deus Pai... Tu somente és o Altíssimo, Jesus Cristo”.

Encontramos também essas profundas raízes da fé quando olhamos para Maria. Um papiro do VI século contém esta oração:

Ave, Mãe de Deus, pura d'Israel.
Ave, ó tu, com seio mais amplo que os céus.
Ave, ó santa, ó trono celeste.

Dois séculos antes, São Basílio de Cesareia, 329-379, assim invocava a Mãe do Senhor:

Em ti, cheia de graça, se alegram todas as criaturas...
Em ti, ó Maria, tomou carne e se fez homem
Aquele que é nosso Deus, antes do tempo.
Do teu seio, Ele se fez um trono,
Tornou teu corpo mais amplo do que os céus.
Por ti, ó cheia de graça, toda a criação se alegra: glória a ti!

O papiro que contém a bem conhecida oração do *Sub tuum presidium* (Sob a vossa proteção) é datado da metade do terceiro século (250).

Mas retrocedendo no tempo, encontramos Santo Irineu (+207) e S. Justino (+150) que falam de Maria como a Nova Eva que escuta o anjo, desata o nó feito por Eva, opõe a sua humildade e seu serviço generoso, ali onde Eva dera atenção à serpente, estendendo a mão ao fruto do bem e do mal, decidindo de viver sem Deus.

Santo Inácio de Antioquia, martirizado em torno do ano 107, é a pessoa que faz ponte com o tempo das Escrituras. Bispo de Antioquia por 40 anos, ele nos traz até o ano 70, quando ainda viviam muitas testemunhas que tinham conhecido o Senhor. A viagem ao encontro do martírio, em Roma, oferece-lhe ocasião para escrever às Igrejas das cidades em que deverá passar: Éfeso, Esmirna... Em suas cartas sempre denomina Maria como a Virgem. Aliás, durante o segundo século, na Igreja, Maria era chamada “a Virgem” e Jesus, “o Filho da Virgem”. O hino “Pange lingua” contém mesmo o eco dessa fé: “Entregou-se por nós, e por nós nasceu de uma Virgem puríssima”; Jesus é chamado “o fruto de um seio generoso” (*Fructus ventris generosi*).

No tempo, podemos assim ordenar as etapas de nossa fé: com Lucas e Mateus, Maria é virgem; com Ignácio de Antioquia, Justino e Irineu, Maria é a Virgem; com Venanzio Fortunato, no VI século, depois com S. Tomás de Aquino, no século XIII, Maria é a Virgem puríssima em ligação com a Eucaristia; com João Paulo II, Maria é a Virgem da Anunciação e a “mulher eucarística”. E nós somos os herdeiros dessa fé.

7- “NINGUÉM TEM AMOR MAIOR DO QUE ESTE: DAR A VIDA POR SEUS AMIGOS” (Jo 15,12).

Os capítulos do evangelho de João, que narram a última Ceia, apresentam Jesus pronunciando longos discursos: é o Mestre; sabe que suas horas estão contadas; adentra-se no tempo da intimidade, das revelações profundas. Chegou o momento do grande amor: “Jesus, sabendo que era chegada a hora de passar deste mundo ao Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim” (Jo 13, 1). Nesses capítulos a Igreja entra em êxtase diante de seu Senhor. Sabe que deve percorrer com seu Salvador a estrada mestra do dom total: “Ninguém tem amor maior do que este: dar a vida por seus amigos”. Jesus é o primeiro a dar-se inteiramente por nós; o faz porque nos ama, chama-nos de “amigos”. Dá-se até o fim, até o fim do homem Jesus, até o fim infinito do Filho de Deus: tudo é dado, no tempo e na eternidade. A paixão será o momento dos grandes dons. Entre estes, o da própria Mãe: “Eis, tua Mãe” (Jo 19, 27).

Mas por que nos dá sua mãe, se não é porque ela mesma se havia encaminhado nessa estrada mestra do amor: colocara sua vida, totalmente, a serviço de seu Filho. Na Anunciação, Maria se consagra ao Filho que lhe é dado. Para ele orienta o seu coração e seu corpo, seu tempo e sua inteligência, o amor para com José e a vida de família, o hoje e o amanhã. Com ele caminha nas estradas da Visitação, do Natal, do exílio, nas estradas da missão do Messias, na Galileia, na Judeia, depois naquele longo caminho que vai a Jerusalém, ao Calvário. No Cenáculo, estará presente na primeira oração da Igreja nascente, a oração que invoca o Espírito Santo. E na Igreja, família do Filho, Maria se retira.

Olhando sua mãe, certamente Jesus podia ser inspirado a dizer: “Ninguém tem amor maior do que este: dar a vida por seus amigos”. Maria fora orientada pelo mesmo Espírito que orientava a Ele: o amor de natureza divina que tende a dar-se sem medida.

Para os santos, para os mártires, para nós, seguidores de Jesus, não há outra estrada se não essa do amor. José, Pedro, Paulo, Inácio de Antioquia e tantos outros, através dos séculos, têm percorrido essa estrada. É verdade que nós navegamos Tateando; é verdade que a nossa entrega não é total e não é constante. É um caminho acompanhado de quedas. Mas o amor é verdadeiro somente quando se torna dom. Não há outra estrada que conduza a Deus, não há outra estrada que conduza ao homem.

Quando Maria consagra toda a sua vida ao Filho, consagra, na verdade, toda a sua vida a nós. Nela descobrimos o cumprimento da palavra de Jesus: “Ninguém tem amor maior do que este: dar a sua vida pelos próprios amigos!” E a Igreja pode ousar e dizer de Maria: “E tendo amado seu Filho, que estava no mundo, amou-o até o fim”.

8. PURA EXPANSÃO DE CRISTO

No dia 29 de abril, a nave de passeio deixara-nos, por um momento, na ilha de Egina, na Grécia. Uma volta em ônibus panorâmico permitiu-nos de visitar as belezas dessa ilha que é também capital do pistácio. A ilha é coberta de pistácias (árvore de pistácios). Em final de abril, mostravam suas primeiras folhas.

A parte mais bonita do passeio foi, entretanto, a visita ao santuário dedicado a São Nectários. Este santo ortodoxo morreu em 1908. Os prodígios, que opera ainda hoje, são tão numerosos que seu túmulo se tornou um ponto obrigatório para os cristãos ortodoxos. O santuário, de estilo bizantino, é o maior existente na Grécia e ainda não está totalmente terminado. Os ícones, em suas cores vivas, ostentam uma beleza única e o ouro que os emoldura expande uma luz cálida, capaz de enlevar a alma em oração. E entrar numa igreja ortodoxa é como entrar numa família; a família do céu que te acolhe; tu experimentas a alegria de estar em casa. Os ícones relembram a história da salvação e todos os amigos que já temos no céu.

O ícone mais bonito é certamente aquele da Theotokos, atrás da iconostase. Não é a clássica mãe sentada, com a criança sobre os joelhos. É uma Virgem em pé, em manto vermelho, vestida de azul, arrojada, elegante naquela abside estreita que parte do pavimento para terminar nas alturas da abóboda. Na altura de seu coração está o menino: braços abertos para abençoar. Observando bem, os gestos e o olhar do menino se prolongam nos gestos mais amplos da Mãe, como se Maria fosse uma pura expansão da criança; a energia da expansão procede do menino. Entre os ortodoxos esse ícone da Madona é denominado *Panaghia Platitera*: a toda santa e a maior dos céus.

São comuns, no mundo ortodoxo, os ícones que assim apresentam Maria: no coração Jesus, com o olhar sobre o mundo, os braços abraçando o céu. Um ícone desses, muito conhecido, é Nossa Senhora de Iaroslavl, chamado também de Virgem Orante. Trata-se de um ícone russo de 1224. Num círculo na altura do coração, o menino abre os dois braços e as mãos esboçam o gesto da bênção. A auréola está entalhada na cruz, que recorda a humanidade do menino e, nas três partes visíveis da cruz, são legíveis as letras que aludem à divindade: **ωον**, eu sou. A mãe, em tudo prolongamento do filho, como se fosse filha do filho, traz sobre os ombros e na frente as três estrelas da virgindade: antes, durante e depois do parto.

Se nessas Madonas descobrimos a imagem da Igreja, como o são de fato, então tudo se torna claro: a Igreja é pura expansão de Cristo; recebe essa estatura adulta sob o impulso do Espírito do Filho: “o Espírito conduzi-los-á à verdade plena!” Sob a força do Espírito, a Igreja se expande por toda a terra, em todos os países, nas mais variadas culturas, em todos os tempos. Mas, Jesus é sempre o coração, o Senhor, o motor que fornece todas as energias da expansão.

É preciso também compreender que a mãe, a Igreja, e Jesus, mesmo sendo diferentes, são profundamente unidos. Dando um passo ulterior, podemos dizer que todos nós, cristãos, somos pura expansão de Cristo; em nós vive Jesus, juntos formamos a Igreja, expansão pura de Cristo. Entretanto, Maria foi a primeira a ser morada de Jesus, Maria é profecia da Igreja e de cada um de nós. A ela podemos pedir que nos ajude a alcançar essa estatura adulta de Cristo que permitirá a outros de dizer que somos “pura expansão de Cristo”.

9- A BEM-AVENTURADA VIRGEM MARIA

Entre os títulos mais populares dados à Mãe de Jesus, seja pela gente simples, seja pela liturgia, há aquele que a proclama “bem-aventurada”. É uma bem-aventurança toda especial e revela aquela que carregou em seu seio o Filho de Deus. Podemos quase falar de uma bem-aventurança no superlativo porque floresce em todos os tempos, em todos os povos que foram tocados pela Palavra de Deus. É como se a jovem Maria vivesse já todas as bem-aventuranças que Jesus iria proclamar no seu discurso sobre a montanha: Maria já é a filha da nova lei (do Filho). Sua bem-aventurança precede e prepara as outras.

Três vezes ela é proclamada bem-aventurada: Isabel, admirando a fé da jovem Maria, diz: “Bem-aventurada aquela que acreditou...”. Essa bem-aventurança retorna sobre os lábios de Maria no seu Magnificat: “Doravante todas as gerações me chamarão “bem-aventurada”. Segue-se o grito entusiasta da mulher cheia de admiração por Jesus: “Feliz o ventre que te carregou; feliz aquela que te amamentou”. Excetuando o Filho, nenhuma outra pessoa, no Novo Testamento, foi tantas vezes proclamada “bem-aventurada”.

A bem-aventurança que repousa sobre a jovem Maria não vem de uma atitude espiritual, como a pobreza em espírito, a doçura, a misericórdia, a pureza de coração, a arte de construir a paz... Sua bem-aventurança provém de uma fonte que contém todas as outras bem-aventuranças; ela brota do próprio Filho, do vínculo que há entre o Filho e a Mãe. Entre as bem-aventuranças, esta goza de uma certa primazia; ela precede e permite as outras.

Já Isabel se havia encaminhado para essa primazia. Seus louvores a Maria conhecem um crescendo que vão da bênção “Você é bendita, entre as mulheres, e é bendito o fruto do seu ventre” (Lc 1, 42), ao maior título que se possa dar a Maria: “a Mãe do meu Senhor” (Lc 1, 43), para terminar na bem-aventurança da fé: “Bem-aventurada aquela que acreditou, pois o que lhe foi dito da parte do Senhor será cumprido” (Lc 1, 45). Dela será também a última das bem-aventuranças: “Felizes os que acreditaram sem ter visto” (Jo 20, 29). Maria vive a primeira e a última das bem-aventuranças: sua fé antecipou os acontecimentos. É também a bem-aventurança de base; todas as outras supõem a fé. Caminhando pela via mestra da fé, carregando em si o Filho de Deus, pondo a seu serviço todas as faculdades de sua pessoa, Maria abre espaço em si para todas as bem-aventuranças que seu Filho proclamará no Discurso sobre a Montanha.

Mas a bem-aventurança mais surpreendente e mais universal é aquela que brota de seus lábios de Mãe: “Sim! Doravante as gerações todas me chamarão bem-aventurada” (Lc 1, 48). É uma bem-aventurança única em seu gênero e apenas uma vez expressa nas Escrituras. A fonte dessa bem-aventurança está totalmente no fato de “Deus olhar para a humilhação de sua serva... E fez nela grandes obras”. Aqui, a bem-aventurança não nasce em Maria, mas vem sobre ela. Maria como que faz eco àquilo que Gabriel lhe havia dito: “O Senhor está com você... você encontrou graça diante de Deus”. É a iniciativa de Deus que torna Maria feliz: Deus vive com Maria uma relação especial; e essa relação chama-se Jesus. É a grandeza desse dom que constitui toda a alegria de Maria, sua chance espiritual.

E nós, nós somos testemunhas de que essa profecia da jovem Maria se realizou no tempo, de geração em geração, em todos os povos aos quais seu Filho foi anunciado como o único Salvador. Essa bem-aventurança é a mais fundamental, a mais fácil de medir, a mais frequentemente verificada, e por nós renovada, em nosso louvor à Mãe do Senhor.

Uma mulher está na origem da terceira proclamação da bem-aventurança de Maria. Perante Jesus, compreendendo a beleza de suas palavras, vendo o poder de seus atos, certa mulher, quase com sardia inveja, grita: “Felizes as entranhas que te trouxeram e os seios que te amamentaram!” (Lc 11, 27). Essa bem-aventurança é motivada pela grandeza do Filho, pela admiração que ele suscita. É proclamada por

uma mulher. As mulheres sabem que a grandeza lhes vem de seus filhos. Essa mulher intui toda a honra que refluí sobre a mãe de tal profeta: ele é grande, e ela nisso é glorificada. No grito da mulher tocamos o gênio feminino, sua capacidade de intuição. Aqui também a fonte da bem-aventurança é o Filho; é uma bem-aventurança direcionada às bem-aventuranças do Discurso sobre a Montanha. E, ao mesmo tempo, o grito entusiasta dessa mulher constitui a primeira realização da profecia da Virgem Maria: “Todas as gerações me chamarão bem-aventurada”.

Mas a essa bem-aventurança da Mãe nós não somos estranhos. Ouvindo o grito da mulher, Jesus passa logo do singular “Felizes as entranhas que te trouxeram”, ao plural e escancara as portas da bem-aventurança, que parecia uma prerrogativa da mãe: “Mais felizes são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática” (Lc 11, 28). Jesus nos deixa adivinhar outra fonte da bem-aventurança de sua Mãe: a capacidade de escutar a Palavra, de guardá-la e encarná-la. Mas Jesus, falando no plural, diz que isso também está ao nosso alcance.

Não somos estranhos à bem-aventurança de Maria por duas outras razões: O mesmo amor que atingiu Maria, também nos alcança: “Deus amou de tal forma o mundo, que entregou seu Filho único... para que o mundo fosse salvo” (Jo 3, 16). Maria foi precedida pelo amor de Deus; assim também acontece conosco. A segunda razão é que a bem-aventurança de Maria nos diz respeito: o Filho que lhe é dado, é dado também a nós; a humanidade da mãe e nossa humanidade são unificadas pelo Filho que “se faz carne”; “nascido de mulher, na plenitude dos tempos”, nasce Irmão de cada um de nós.

Depois há a oração àquela que é bem-aventurada, a oração nos faz entrar na bem-aventurança de Maria. Ela nos familiariza com esse Deus que alcança nossos caminhos, que se faz nosso e se faz criança entre nós. Nós a louvamos porque o aquele que a torna “feliz”, também torna felizes a nós. É um louvor alegre que sobe a Maria, com a consciência de que somos da mesma família; e que ela é nossa mãe.

10- MARIA NOS PRECEDE, POR NÓS INTERCEDE E NOS ESPERA

Maria nos precede nos caminhos da salvação e do amor. Ela é a primeira a estar atenta à voz de Gabriel, a primeira a quem é revelado o nome do menino, “Jesus”; é a primeira a repetir mil vezes o nome do Filho, ao longo do dia. Em seu coração de Mãe tem origem a devoção ao nome de Jesus. Nos evangelhos ela é a primeira acolhida, a primeira abençoada, a primeira louvada e proclamada bem-aventurada; a primeira ainda sobre a qual se projeta a sombra da cruz. Ela é primeira também em Caná, junto à cruz, na casa do discípulo amado; presente na primeira oração da Igreja que espera a vinda do Espírito. Maria verdadeiramente nos precede. Ela é profetizada no primeiro livro das Escrituras, o Gênesis, na mulher cuja descendência vai esmagar a cabeça da serpente (Gn 3, 15); vamos reencontrá-la no último livro das Escrituras, o Apocalipse, como a mulher vestida de sol (Ap 12, 1..9).

Essa mulher que nos precede, também intercede por nós e nos diz que ir a Jesus é aproximar-nos dos homens. O exemplo mais evidente é o de Caná: o vinho vem a faltar na festa do amor. Maria percebe e, quando o amor é ameaçado, tem o instinto de ir a seu Filho, aquele que é a verdadeira vinha e fonte do amor. Ele lhe diz: “Eles não têm mais vinho” (Jo 2, 3), o que, em sentido profundo, significa “eles não têm amor”! De Jesus, a fonte, vai escorrer um vinho abundante, inexaurível, que brota a cada palavra da Palavra e a cada Eucaristia: “Tomai e bebei, isto é o meu sangue!” (Mt 26, 27-29).

A presença de Maria junto à cruz é igualmente uma presença intercessora: ser um com o Filho, no amor e na morte, é ligar toda a humanidade com a humanidade de Jesus. No Calvário, Maria é a mãe de Jesus e também, a Igreja de Jesus; é a humanidade que nasce do lado de Jesus. A intercessão, aqui, é união ao Senhor que morre. Nasce uma humanidade nova aos pés da Cruz: “Mulher, eis aí o teu filho... Eis aí a

tua mãe.” Sobre essa humanidade nova, primeira célula da Igreja, Jesus sopra seu Espírito: “E inclinando a cabeça, entregou o Espírito” (Jo 19, 26-27.30).

Maria é também intercessão no Cenáculo; ela integra o primeiro grupo dos discípulos de seu Filho; com eles participa da primeira oração da Igreja, uma oração de espera pelo Espírito, que invoca o Espírito. Dentro da Igreja, Maria é a mãe que reza pela mãe Igreja, reza por todos os membros da Igreja, invocando sobre eles a abundância do Espírito. Maria continua presente na Igreja, hoje, e atrai o Espírito para nós. Se procurarmos Maria, encontrá-la-emos na Igreja.

Essa expectativa da Mãe se torna sensível observando o lugar que lhe é atribuído: no começo do evangelho de Lucas, quando tudo começa, quando o Filho vem; depois no início dos Atos, quando o Espírito vem e quando a Igreja começa. Maria está presente nos inícios. João reserva um lugar para Ela no primeiro sinal, aquele de Caná, e no último, o da Cruz. A vida pública de Jesus está como que contida nessa dupla presença da Mãe. Maria está no começo e no fim: ela precede, intercede e espera.

Uma surpreendente inclusão, a que já aludimos, torna Maria presente no começo do primeiro livro das Escrituras, o Gênesis, e no último, o Apocalipse: Ela está, pois, presente na origem e na conclusão dos tempos. Nós ainda não estamos no fim dos tempos; Maria sim, já o está, no Apocalipse; Ela nos espera.

Trata-se de uma presença de Mãe, presença a serviço do Filho. É Ele que esmaga a cabeça da serpente; Ele, o esperado e anunciado por Gabriel; é Ele que garante o vinho da festa e morre na cruz como único Salvador. A Igreja e o Espírito o invocam nos últimos versículos do Apocalipse: “O Espírito e a Esposa dizem: “Vem”! Aquele que ouve também diga: “Vem”! (Ap 22, 17a)
Primeira e última, Maria é a serva que precede o Senhor, para que tudo esteja pronto para a festa do amor. O esposo, no entanto, é o Senhor.

11- MARIA, A VIRGEM

Durante uma refeição, chegamos a falar sobre o estilo de vida de Maria e José. A senhora que nos tinha convidado, surpreendida e incrédula, disse: "Como é, eles estavam casados, viviam sob o mesmo teto e nunca dormiram juntos? É incrível!" Foi esta a reação espontânea de uma senhora que era uma boa católica. Isso mostra como é difícil entender a virgindade perpétua de Maria, ou seja, que se manteve virgem toda a vida.

Aceitamos que Maria seja virgem na concepção de Jesus, pelo testemunho dos Evangelhos de Mateus, Lucas e provavelmente João. Mateus afirma que Maria teve o filho, antes de viver com José; nesta fase do casamento judaico, em que os dois jovens permaneciam no seio das suas famílias, as relações sexuais eram proibidas. A perícopes que conta a concepção de Jesus tem o seu ápice quando o anjo diz a José que "a criança que Maria tem no seu ventre é obra do Espírito Santo", conforme anunciado pelo profeta Isaías: "Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e será chamado Emanuel" (Mt 1, 18-23). Também Lucas diz que Gabriel é enviado a uma virgem, chamada Maria (Lc 1, 26-38). Para alguém que tem fé, a virgindade de Maria na concepção de Jesus não é problema.

Lemos várias vezes nos Evangelhos que Jesus tinha irmãos e irmãs; isso pode-se explicar pelo termo judeu "Ah" que quer dizer "irmão e irmã". Essa palavra sempre teve um valor polissêmico, abrangendo relações familiares como "irmãos de sangue, meio-irmãos, primos, parentes distantes e até mesmo amigos." As famílias do tempo de Jesus tinham formato patriarcal. Muitos dos primos viviam juntos, e a gente chamava-os irmãos e irmãs. Assim ocorre também na África, em Madagascar e em muitas sociedades asiáticas.

Se compararmos Maria e José conosco, não compreendemos a sua virgindade, não encontramos padrão referencial para avaliar a decisão de Maria e José; eles não se encaixam no esquema de amor recorrente entre homem e mulher. O mundo em que vivemos também não nos ajuda, pois ele conhece uma explosão sexual, talvez, nunca vista na história. Pode perturbar a nossa visão sobre o amor de Maria e de José.

Para entender o coração de Maria e de José e sua relação de marido e mulher, é preciso remontar até a origem do amor, ao Deus de amor. O Amor de Deus é universal, eterno, ama todas as criaturas e de todas se preocupa. Esse amor é como uma semente lançada no coração e no seio da jovem Maria, e a esse amor é convidado também o jovem José: "José, filho de David, não temas receber Maria como tua esposa, porque O que nela foi gerado vem do Espírito Santo..." (Mt 1, 20). Maria e José foram invadidos pelo amor de Deus; experimentam um amor sem fronteiras. Eles entram no extraordinário amor do Filho; como Ele, eles amam sem fronteiras e o seu amor chega até nós, hoje. Nós somos amados por eles, porque o seu amor é virginal, universal. No seu projeto de amor mútuo, belíssimo, entrou o amor de Deus, abrindo-o ao infinito.

Eles não deixaram de se amar, mas amavam de outra maneira, totalmente, sem nenhum resquício de egoísmo; eles tinham outra forma de amar. O amor entre eles parte de Jesus, que com eles partilha o Seu amor. Os judeus chamavam esse amor de "HESED", isto é, essência de Deus: amor fiel, amor de ternura, amor de misericórdia, amor de bondade, amor de iniciativa, que nos antecede e acompanha. Maria e José ultrapassaram as nossas canções de amor, por magníficas que sejam. Eles entraram na polifonia do poderoso amor de Deus. Sim, apenas à luz de Deus se pode ter uma ideia do amor de Maria e de José.

Estamos perante um caso único? Em cada pessoa vibra a voz de um amor sem limites de tempo e de espaço. Mas essa voz, muitas vezes mal se percebe. No entanto, Paulo escreve aos Gálatas: "Já não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há mais homem nem mulher, porque todos vocês são um em Cristo Jesus" (Gl 3, 28). Toda a pessoa tem consciência de uma dimensão *horizontal* em direção à

terra e em direção aos homens, e de uma dimensão *vertical* em direção a Deus e em direção aos homens. Em Maria e José prevaleceu a dimensão vertical que reforçou a dimensão horizontal; com efeito, em seu amor, encontramos o nosso lugar. Ir para Deus é acolher no coração todos os homens.

O amor de Maria e José é assimilado pela aventura humana de Jesus, "iniciada antes da criação do mundo", atravessa os séculos e penetra na eternidade. Estamos diante de um amor universal, um amor virginal. Mas longe de nós, imaginar que o amor de pessoas casadas não é bom, não é santo. Todos nós nascemos desse amor, fomos como que tecidos interiormente pelo amor de nossa mãe e de nosso pai, como também pelo seu mútuo amor.

Maria e José foram convidados a participar do amor de Jesus. Ele escolheu o amor difícil da Cruz, o único amor que O torna irmão universal. Nesse contexto se ilumina a virgindade perpétua de Maria. Ela encontra seu fundamento no Filho que foi dado a Maria e a José. Os padres do Concílio Vaticano II permitem avaliar como essa fé está presente na Igreja. O Capítulo VIII da *Lumen Gentium*, totalmente dedicado a Maria, repete à saciedade a expressão "a bem-aventurada Virgem Maria".

12- NÃO CONHEÇO HOMEM

Lc 1,34

A pergunta completa de Maria ao anjo é a seguinte: “Como é que vai ser isso, se eu não conheço homem algum?” Pergunta embaraçosa para os exegetas. O que a jovem Maria queria dizer? Santo Agostinho descobre por trás dessa pergunta um voto de virgindade e o anúncio do menino colocaria em questão esse voto. Outros veem apenas um estratagema literário para permitir a Gabriel de completar sua mensagem; a pergunta não teria maior conteúdo.

Não dividido nem uma nem outra dessas duas posições. Se a jovem virgem lembrasse um seu voto, centraria, por um momento, em si mesma o grande acontecimento da Anunciação, quando o coração do mistério é o filho. Assim também, considerar a pergunta de Maria um mero estratagema literário parece-me um modo fácil de contornar o sentido profundo dessa pergunta. Compreendo, porém as palavras de Maria em perfeita continuação com a mensagem de Gabriel. Este, lentamente, deixara cair no coração da jovem virgem os diversos aspectos da identidade do filho, em cada aspecto fixando-a nos olhos e ela, atenta à palavra do Arcanjo. Resultou uma identidade grandiosa. Tentemos imaginar, por um momento, como Gabriel transmitiu sua mensagem e como a virgem está toda concentrada para compreender e acolher o conjunto da mensagem. Tudo acontece com momentos de silêncio para que o coração acolha a palavra dita. Percebo a mensagem assim:

- 1-“Não temas, Maria” (silêncio e atenção).
- 2-“Encontraste graça junto de Deus” (silêncio e atenção).
- 3-“Eis que conceberás no teu seio” (silêncio e atenção).
- 4-“Darás à luz um filho” (silêncio e atenção).
- 5-“E o chamarás com o nome de Jesus” (silêncio e atenção).
- 6-“Será grande” (silêncio e atenção).
- 7-“E será chamado Filho do Altíssimo” (silêncio e atenção).
- 8-“O Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai” (silêncio e atenção).
- 9-“Reinará para sempre na casa de Jacó” (silêncio e atenção).
- 10-“E o seu reinado não terá fim” (silêncio e atenção).

A Maria é dado o tempo para avaliar cada aspecto da identidade do filho, para dar-se conta de que se trata de um menino extraordinário, fora das possibilidades humanas. O retrato da criança é tão grandioso que a jovem virgem logo intui: “Jesus não pode ser o filho de um homem; homem nenhum pode procriar um filho assim!” A expressão “não conheço homem” significa: “Não conheço homem capaz de dar à vida o filho anunciado. Então como virá esse menino? Quando Maria diz “Não conheço homem” ela exclui a possibilidade de uma geração puramente humana: homem e mulher são colocados de lado. A questão é como pode nascer esse menino, anunciado como certo? Fala-se do parto e do nome dele; é uma coisa impossível ao homem.

O anjo responderá exatamente a essa impossibilidade humana e sua intervenção termina com estas palavras: “Nada é impossível a Deus”. Maria responde em ritmo lento que permite acolher as palavras em seu sentido profundo:

- 1-“O Espírito virá sobre ti” (silêncio e atenção).
- 2-“E o poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra!” (silêncio e atenção).
- 3-“Por isso o Santo que nascer” (silêncio e atenção).
- 4-“Será chamado Filho de Deus” (silêncio e atenção).
- 5-“Também Isabel, tua parente, concebeu...” (silêncio e atenção).
- 6-“Porque para Deus nada é impossível” (silêncio e atenção).

Então, com esse ritmo lento, onde o coração da virgem encontra luz, o percurso foi da extraordinária identidade do menino à impossibilidade humana de dar-lhe vida, para desembocar na onipotência de Deus: “nada é impossível a Deus”.

Sim, creio que o mistério da Anunciação foi revelado num ritmo lento, permitindo à inteligência da jovem Maria de perceber-lhe a vastidão, a profundidade e de dar um sim generoso e iluminado. Maria, provavelmente, intuiu na identidade do menino, na presença do Espírito Santo, no poder do Altíssimo, que Jesus, seu filho, era o Messias esperado.

A resposta da jovem Maria nasce nessa luz e na afirmação de Gabriel: “Nada é impossível a Deus”. Essa Luz, essa afirmação constituem a moldura do sim de Maria: “Eis a serva do Senhor: faça-se em mim segundo a tua palavra!”

13- UM SIM PLENAMENTE ILUMINADO

(Lc 1, 26-38)

No evento da Anunciação, Maria passa de uma profunda perturbação para um sim pronunciado em plena luz, com a consciência plenamente iluminada.

De fato, encontramos a jovem Maria totalmente empenhada em compreender, compreender para dar a resposta certa. Maria aparece com frequência como uma pessoa reflexiva e atenta, que vive no santuário do coração.

À saudação de Gabriel: “Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo”, segue-se uma profunda perturbação: “Ela perturbou-se com essas palavras”. Mas sua tensão interior, sua disposição frente à mensagem, era de esforço para compreendê-la: “começou a pensar qual seria o significado da saudação”.

Gabriel responde essencialmente a essa tensão em busca de compreensão. Convida Maria à serenidade e depois a ilumina, interiormente: “Conceberás e darás à luz um filho, e lhe porás o nome de Jesus”. Estamos num futuro imediato, quase presente, como se a concepção já tivesse começado, como se Maria não pudesse subtrair-se a essa graça imensa para ela e para toda a humanidade.

Depois o anjo enuncia, lenta e pausadamente, os diversos elementos da identidade do menino, dando a Maria o tempo de escutar, de internalizar e de assimilar todos esses aspectos de luz:

“Será grande,
Será chamado Filho do Altíssimo,
O Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai,
reinará para sempre sobre a descendência de Jacó,
e o seu reino não terá fim”.

Gabriel deu tempo a Maria para acolher, luz após luz, o rosto espiritual do menino anunciado. O beato Fra Angelico, em suas anunciações, apresenta muitas vezes Maria inclinada para Gabriel, em atitude de intensa escuta.

A pergunta de Maria revela quanto ela havia compreendido Gabriel, quanto era exata a ideia que se havia feito da criança: Nascerá de mulher e será chamado Filho do Altíssimo, herdará um reino que atravessa a amplitude do tempo e do espaço, e penetra na eternidade. Sua pergunta insiste, agora, sobre o como. Trata-se ainda da necessidade de luz interior: “Como acontecerá isso, se eu não conheço homem?” Dentro de sua consciência, Maria intui que esse menino não pode provir de um amor humano, não pode ser o filho de um homem e de uma mulher. A criança anunciada é grande demais, enche o tempo e a eternidade e o seu trono está no coração de cada mortal. É como se Maria dissesse: “Não conheço homem capaz de dar-me tal filho, e então como será isso?” Como será superada a incapacidade humana?

O anjo ilumina, ainda mais profundamente, a inteligência espiritual de Maria: “É uma coisa impossível ao homem, mas a Deus tudo é possível. O Espírito Santo descerá sobre ti, e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra. Por isso, aquele que vai nascer será chamado santo, Filho de Deus. Eis que Isabel... Para Deus nada é impossível”.

Uma luz límpida, serena e plena ilumina a mente, o coração e a vontade da jovem Maria: a criança anunciada é colocada em plena luz. Assim vê-lo-ão os pintores do Renascimento, em suas telas alusivas ao Natal: Jesus fonte da luz que ilumina os presentes e antes de tudo, a jovem Maria. O sim da Virgem - “Eis aqui a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra” - germina nessa luz. Maria é levada, por essa luz e pelo Espírito, a voltar-se totalmente ao menino anunciado. E brota nela o amor de mãe, o amor sem limites, amor-paixão, o primeiro amor a Jesus.

Na Anunciação domina a luz: Maria pronuncia um sim, plenamente iluminada. Essa luz não é uma revelação antecipada do futuro, mas um conhecer a vontade de Deus que se torna confiança e a força do sim. É uma compreensão do menino que, em germe, contém tudo quanto os Evangelhos, Paulo, Pedro, João, o Apocalipse, vão dizer de Jesus, alfa e ômega de toda a história da salvação.

O acolhimento que a jovem virgem reserva a essa criança é o primeiro desabrochar da fé cristã, uma fé que se expande no amor; é a fé da mãe.

Por outra parte, as mulheres sabem por sua natureza feminina o que significa ser mãe. Afirma-o uma senhora pobre de México. Em sua habitação guardava este escrito:

Ser mãe
é um doce sofrimento.
É sacrificar-se
por que assim escolhemos.
É viver duas vezes.
É palpitar
com duplo coração;
ver
sem precisar olhar;
amar
antes mesmo de conhecer;
acreditar
na vida de outro mundo,
e sentir
a presença de Deus.

14- NOVE MESES NO SEIO

Como todos nós, Jesus se formou no seio da Virgem Maria, durante nove meses. Muito brevemente, Paulo e João aludem a essa fase. Paulo escreve aos Gálatas: “Mas quando chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher” (Gal 4, 4). Também João nos recorda esse período, de passagem: “E o Verbo se fez carne e veio morar no meio de nós” (Jo 1, 14).

Está presente, por tempo mais longo e mais rico, nos Evangelhos de Mateus e de Lucas. Quando Maria está grávida, Mateus se demora nos problemas de José, o justo, sobre o sonho que convida José a acolher Maria e a criança que está nela, obra do Espírito Santo. Tudo se encerra com a profecia de Isaías: “Eis que a jovem conceberá e dará à luz um filho e lhe porá o nome de Emanuel” (Is 7,14). Profecia que muito provavelmente tinha amadurecido no inconsciente de José e o tinha orientado a compreender a situação de Maria; vislumbre do inconsciente que, no sono, tornar-se-á palavra do anjo e luz, no coração de José, a iluminar o mistério que está vivendo a jovem Maria. Quando o nascimento encerrar esse tempo da criança no seio da mãe, José dará ao filho o nome que o anjo lhe revelara. Lucas dá lugar a mais eventos, durante esse período da gravidez da Madona: a Visitação cheia de alegria, de cantos, e que dura três meses; depois, com José deixa Nazaré, vai a Belém e encontra refúgio nesse lugar, onde o mistério do Verbo, feito homem, será cercado de mais tranquilidade, de menos curiosidade.

No todo, pouco é dito sobre esse tempo em que Jesus se forma no seio de sua mãe. É coisa muito normal porque, então, muito pouco se sabia sobre as influências psicológicas recíprocas, entre a mãe e a criança. Sabia-se que o corpo se formava no seio materno e isso era expresso pelo termo “encarnação”; mas, fugia o aspecto da “humanização” da criança ainda no seio.

Sabemos, agora, da quantidade infinita de influências e trocas entre a mãe e a criança, e também entre o pai e a criança, se o pai vive momentos de intimidade com o filho que espera. Descobrimos que “a humanização” acompanha ‘pari passu’ a encarnação da criança. A mãe e o pai fazem-na entrar em seus afetos e, enquanto cresce seu corpo, nela desperta também a consciência de ser alguém, de receber muito, e também de ter poder sobre o coração, sobre a mente da mãe e do pai.

Quando a mãe a chama, quando estabelece com ela os diálogos repletos de amor, que todas as mães mantêm com o fruto de seu seio, quando coloca suas mãos sobre o ventre para acariciar o nenê, sabe que nela se forma uma pessoa, uma pessoa única: ela entra no universo das vozes, das palavras, dos sentimentos, dos valores. Esse período de nove meses é um tempo único para o desabrochar da personalidade do filho. Nesses meses, já se forma o seu caráter, segundo as relações que os pais têm com ele: paz, serenidade, afeto, preparam o filho a ter fé na vida; enquanto as angústias da mãe, do pai ou do casal terão influências negativas sobre o caráter da criança que herdará insegurança pessoal. A mãe exerce uma importância capital na humanização e na futura personalidade da criança. Isso mesmo se pode afirmar para as relações entre Maria e Jesus. Dizíamos que a encarnação e a humanização caminham ‘pari passu’.

Por sua vez, a criança, mesmo no seio, já tem um grande poder sobre a mãe e a transforma. Há diferença entre uma jovem celibatária e uma jovem que espera uma criança. Não é apenas o corpo que se transforma; o coração e a mente recebem um centro novo, com mil sentimentos e emoções nunca antes experimentados. A jovem que espera uma criança vive um período de grande maturidade humana, é mais responsável, mais desapegada de si, centrada na criança; percebe que sua vocação de mulher atinge sua plenitude. Nesse período, a criança torna-se um tanto a timoneira da mãe. Sob certo aspecto, a mãe traz no ventre a criança, e esta, por sua vez, plasma a personalidade da mãe.

Pensar assim de Jesus e de Maria não é apenas lícito, mas é muito humano; é belo, é verdadeiro e nos faz descobrir que ligações nosso Deus tem com a jovem Maria e que ligações quer estabelecer conosco. É um Deus que não somente atrai nosso amor, mas nos dá o seu; dirige nossa pessoa para maior maturidade e faz-nos viver uma aventura de amor; em seu seio, começamos nossa vida eterna. A

encarnação e a humanização de Jesus tornam-se ícone de nossa própria aventura espiritual: Deus nos traz em seu seio e lentamente nos diviniza.

15- E VOCÊ LHE DARÁ O NOME DE JESUS

Mt 1, 21 e Lc 1, 31

“E você lhe dará nome de Jesus.” Eis o que o anjo disse, igualmente, a José e a Maria; são eles que devem dar o nome à criança.

Somente podem dar nome a um filho aqueles que têm com ele uma relação de vida, uma relação tão profunda que faça depender deles, de seu amor e de sua dedicação, a vida do nascituro. O vínculo é a vida, colorida de amor e de responsabilidade. Dar o nome é um direito e dever para que o menino encontre na sociedade um espaço oficial. O nome indica uma pessoa; dizer o nome é chamar uma pessoa a uma relação, a um encontro; é o ponto de partida de um diálogo, é fazer entrar o menino na aventura humana. O nome faz existir e distingue uma pessoa. O nome é uma palavra mágica. Depois, tudo depende do tom de voz; pela voz passam todas as nuances dos nossos sentimentos humanos, desde os mais suaves até os mais ferozes. Chamando Jesus pelo nome, Maria começa um processo de humanização do Filho de Deus; nela se forma o corpo, mas também a pessoa de Jesus.

O fato de o anjo dizer a Maria e a José que deem o nome ao menino, ilumina esse vínculo especial que existe entre a mãe, o pai e o menino. O seu vínculo com ele precede todos os outros vínculos que o povo terá com Jesus; é um vínculo de vida, de amor, de responsabilidade, que percorre toda a existência de Maria, de José e de Jesus. O nome abre o espaço à convivência, à vida em família, à vida na célula mais íntima da sociedade, em que o menino pode crescer sadio: “em sabedoria, estatura e graça, diante de Deus e dos homens” (Lc 2, 52). Chamado pelo nome, o menino lentamente cria seu espaço no coração do pai, da mãe, na família e na sociedade. Através do nome passa a construção básica da pessoa. Cada vez que o menino ouve seu nome, cada vez que Maria chama Jesus, cada vez que José lhe fala, ele cresce, ele entra nas palavras humanas, ele descobre os sentimentos que se movem no coração da mãe, do pai, das pessoas. Chamado, o menino entra lentamente no universo humano e compõe sua personalidade.

É importante que o nome seja confiado ao pai e particularmente à mãe. Esta tem nove meses para tecer, com o fruto de seu seio, relações humanas particulares nas quais predomina o afeto, a espera, a curiosidade de saber quem será a criança e qual seu rosto. Ora, Gabriel anuncia a Maria o nome do menino precisamente no início de sua aventura humana. Quando “a Palavra se faz homem” (Jo 1,14), um nome é semeado no coração da mãe, um nome que diz a identidade e a missão do menino, um nome que brilha como um sol no horizonte da vida. Maria dispõe de nove meses para repetir esse nome, para chamar ‘Jesus’, o fruto do seu ventre, para transmitir a Jesus o seu afeto, para criar um clima de serenidade para o filho. Nas profundezas da aventura humana de Jesus há esta relação profunda da mãe e do filho; cada vez que Maria o chama pelo nome, cada vez que diz ‘Jesus’, lentamente emerge na consciência dele que alguém na humanidade o ama, lhe dá um nome, o seu nome: ‘Jesus’ - “Deus salva”! (cf. Mt 1, 21).

Chamar pelo nome é também possuir. “Chamei-te pelo nome, e tu és meu”, disse Deus a Israel. Deus que criou as estrelas pode também chamar cada uma pelo nome. Dizer o nome é também exprimir poder sobre outrem: “Lázaro, venha para fora!”, diz Jesus, “e o morto saiu. Tinha os braços e as pernas amarrados com panos” (Jo 11, 43-44). Dizer o nome é fazer passar do esquecimento à lembrança, do não-ser ao ser, da morte à vida. Basta que Jesus pronuncie o nome de Madalena, ‘Maria!’, para que ela passe da aflição à vida, do pranto à alegria. Quando Jesus pronuncia o nome, Maria entra na ressurreição do seu Rabuni, torna-se partícipe da ressurreição do seu Senhor, ela também ressuscita.

Dar o nome é também abrir a porta à invocação do nome, à invocação do poder do nome: “Jesus, lembra-te de mim, quando vieres em teu Reino”. Jesus respondeu: “Eu lhe garanto: hoje mesmo você estará comigo no Paraíso” (Lc 23, 42-43). Os Atos dos Apóstolos e Paulo recordam o poder absoluto do nome de Jesus: “Não existe salvação em nenhum outro, pois debaixo do céu não existe outro nome dado aos homens, pelo qual possamos ser salvos” (At 4, 12). Na carta aos Filipenses, Paulo escreve: “Ao nome de Jesus, se dobre todo joelho no céu, na terra e sob a terra; e toda língua confesse que Jesus

Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai” (Fl 2, 10-11). O nome de Deus “YHWH”, que escapava ao poder do homem, agora é dado em Jesus como nome a ser invocado, como nome no qual se entrelaça o amor de Deus e do homem.

O início da ciência encontra sua primeira fonte quando o homem, Adão, dá um nome às coisas; dar um nome é o início da ordem que cada ciência quer descobrir ou criar. Sem nome não há ordem, sem ordem não há ciência, sem ciência o homem não pode ser o rei da criação. Isso também é verdadeiro para o Filho de Deus: quando recebe um nome, ele entra na ordem humana. Semelhantemente, cada vez que Maria, a mãe, chama Jesus pelo nome, convida-o entrar na vida, ou seja, num mundo de relações.

Quando Adão se encontra pela primeira vez diante de Eva, floresce o primeiro hino ao amor:

“Esta sim
é osso dos meus ossos
e carne da minha carne!
Ela se chamará mulher,
porque foi tirada do homem!”(Gn 2, 23).

O nome “mulher” exprime a alegre descoberta do amor. De fato, os versículos que seguem aludem ao matrimônio: “Por isso, um homem deixa seu pai e sua mãe, se une à sua mulher, e eles dois se tornam uma só carne” (Gn 2, 23).

Esse amor das origens se renova de algum modo entre a mãe, Maria, e o seu filho; também ela, com razão, pode dizer:

“Este menino
é osso dos meus ossos
e carne da minha carne:
chamar-se-á Jesus!”.

Jesus é de fato o novo Adão, e sua Mãe, a nova Eva. E como não recordar que o nome Jesus desceu do céu, a iniciativa da salvação vem do alto! Zacarias viu Jesus como “o sol que nasce do alto” (Lc 1, 78).

Há muito amor entre Maria e o seu filho, entre José e o pequeno Jesus. Entretanto, esse amor humano amadureceu primeiramente no céu: “No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus ...” (Lc 1, 26).

Chamar Jesus pelo nome, com toda a tessitura humana que envolve, é também dado a cada um de nós. A graça oferecida a Maria e a José está disponível; cada discípulo é convidado a trilhar com Jesus a aventura do amor.

16- O SINAL

Nos dois primeiros capítulos do Evangelho de Lucas, os sinais são numerosos; acompanham a vinda de Jesus. Zacarias recebe seu sinal: “Ficarás mudo!”; Maria ouve o anjo a dizer: “E eis que tua prima Isabel está grávida e este é o sexto mês daquela que era chamada estéril, pois para Deus nada é impossível” (Lc 1, 37). Também aos pastores é dado um sinal: “Encontrareis um recém-nascido, envolto em faixas”. Em Mateus, é José que recebe o grande sinal “da virgem que dará à luz um filho” (cf. Mt 1, 23), no anúncio de Isaías. Os magos, em sua longa viagem, seguem o sinal da estrela que os orienta até o menino com sua mãe.

O sinal é dado como uma força de atração, como uma graça que faz caminhar até um lugar de salvação, e anuncia um encontro com Deus; ele pode ser visto como uma ponte entre duas teofanias. Os pastores correm à procura do menino, os magos vêm de longe, chegam a Jerusalém e perguntam pelo rei que acaba de nascer; o velho Simeão vai ao Templo, a profetisa Ana corre feliz e anuncia o menino que será a “libertação de Jerusalém”. Entre as duas teofanias, a segunda é, em geral, mais rica do que a primeira. No evangelho de João os sinais também contêm uma revelação sobre Jesus, seguida de longa reflexão onde a revelação se desenvolve e se esclarece: o pão é multiplicado, mas o verdadeiro milagre é o Pão da vida; o cego é curado e, finalmente, ele se prosterne diante daquele que ele reconhece como seu Senhor.

O sinal é um apelo, um encontro. Maria parte, apressada, para a casa de Zacarias e isso se torna uma primavera de salvação. Sua viagem, trazendo o menino consigo, será a primeira missão cristã; pela primeira vez, Jesus é levado pelos caminhos dos homens. Na casa de Isabel ouviremos a primeira profissão de fé cristã, quando a mãe do pequeno João reconhece a jovem Maria como “a mãe do meu Senhor”. Todo cristão fala de modo possessivo do filho de Maria: “Tu és meu Senhor” e reconhece Maria como a Mãe do meu Senhor. Nesse contexto, é cantado para Maria o primeiro hino nascido do Espírito: “Bendita és tu, mãe de meu Senhor, tu és bem-aventurada”. No lugar indicado pelo sinal, Maria canta o Magnificat, primeiro grande louvor dirigido a Deus, no evangelho, e síntese da salvação. Seguir o sinal não significa apenas cantos e hinos, mas também grande alegria, partilha de graças, acolhimento à vida e às crianças. Os sinais nos convidam ao movimento: Maria, os pastores, os magos, Simeão, Ana a profetisa são pessoas em movimento porque Deus convoca e envia em missão.

O sinal, quando é seguido, como no caso da Visitação, torna-se palavra de Deus a iluminar Maria e a família de Zacarias e será sempre luz para aqueles que vêm encontrar essa palavra, na oração. Hoje, somos esclarecidos, confortados, despertados pelas palavras da Visitação.

Nos Evangelhos, Maria é a primeira a meter-se a caminho por causa de um sinal. Seu consentimento a Deus é seguido de uma partida. Os passos de Maria, pela estrada que conduz à casa de Isabel, conferem ao ‘sim’ um primeiro aspecto concreto: o ‘sim’ que foi acolhida torna-se, agora, missão.

Maria vai receber outro sinal, o da espada, profecia probatória e dolorosa, sinal precedido de uma bênção especial: « Simeão os abençoa e depois diz à Mãe: « Este menino será causa de queda e de reerguimento para muitos em Israel. Ele será um sinal de contradição e uma espada traspassará tua alma” (Lc 2, 34-35). Espada que convida a mãe à fidelidade, especialmente quando muitos serão contra seu Filho e vão querer sua morte; fidelidade quando a família pensa que Jesus perdeu a cabeça. Depois, a cruz, plantada como um espada sobre o Calvário, também atravessa o coração da mãe. A fidelidade ao sinal, aqui, conduz Maria a uma nova maternidade, a maternidade da espada, incluindo a cada um de nós: “Mulher, eis o teu filho”.

Assim, seguir o sinal não é desconfiança que procura verificar se é verdade o que Deus disse, mas significa crer, confiar em Deus, obedecer-lhe. Há uma diferença entre os que pedem um sinal e aqueles

que recebem um sinal. Aqueles que pedem um sinal muitas vezes colocam Deus à prova: “Esta geração perversa pede sinais. Não lhe será dado nenhum sinal a não ser o sinal de Jonas.” Para aqueles, ao invés, aos quais é dado um sinal, este se torna porta aberta a um futuro cheio de graças. Francisco de Assis vê em sonhos uma igreja que desmorona; ele compreende que deve reconstruir a Igreja. Para Teresa de Calcutá os pobres que morrem nas ruas são um sinal; ele vai colocar toda sua vida, toda sua energia, para tirá-los da miséria. São Marcelino Champagnat assiste o jovem Montagne, um rapaz agonizante que não sabe nada de Deus; isso revolve seu coração e funda os Pequenos Irmãos de Maria com a missão de “tornar Jesus Cristo conhecido e amado”. Ao obedecerem a esses três sinais, São Francisco, S. Marcelino e a Madre Teresa deram origem a fontes de graças inumeráveis. Quem pode calcular os frutos de um sinal acolhido? Ele põe em comunhão com a inextinguível fecundidade de Deus.

Deus, constantemente, envia sinais:

« Sinais aos milhares, traços de sua glória;
Sinais aos milhares, Deus em nossa história ».

Eles germinam na complexidade de nosso mundo. Às vezes estão bem próximos; para Marcelino e para Madre Teresa os sinais estavam no contexto de suas vidas. Nossa família religiosa, durante o Capítulo geral de 2009, leu, através do que se passava nos encontros, o sinal da “terra nova”, ou melhor, “a necessidade de partir depressa, com Maria, para uma nova terra”; e nós nos movemos, como diz a carta aos Hebreus, “sem saber aonde íamos”. No entanto, sabemos que seguir o sinal equivale a acolher o plano de Deus, ou seja, um futuro rico de vida.

17- O HINO DE ISABEL

Por ocasião da Visitação, o canto que Isabel entoava como canto de boas-vindas à Virgem Maria conhece três tempos fortes: o da bênção à mãe e ao filho; o da primeira profissão de fé cristã, Jesus reconhecido como Senhor, - “meu Senhor”; e aquele da bem-aventurança que encerra o canto. Esse hino nos faz remontar ao tempo dos inícios: escutamos a primeira bem-aventurança dos evangelhos, o primeiro reconhecimento da grandeza do menino e de sua mãe, e a primeira e mais importante das bem-aventuranças, a da fé.

São três os tempos fortes do hino, três as pessoas que intervêm no canto: O Espírito Santo que transforma esse hino em palavra de Deus e lhe imprime sua garantia; Isabel que se deixa encher o coração e a boca da inspiração de Deus, e o evangelista que escreve o hino para que sua Igreja possa lê-lo e cantá-lo.

O Espírito pousa sobre Isabel, sobre o evangelista e sobre sua Igreja. Será sempre Ele o sopro a fazer cantar a Igreja ao longo dos séculos. É Ele que dá força a essas palavras; é Ele que reveste essas palavras de fé e amor; para todos os discípulos de Jesus, Ele põe vida e luz nas palavras. É ainda Ele a criar em torno da Virgem Maria uma auréola de santidade, de veneração e de afeição; Ele faz de Maria um ícone todo vestido de luz.

Mas os testemunhos de Isabel e do evangelista, ainda que se expressem com os mesmos termos, vêm carregados de conteúdos diferentes. Isabel vive e canta acontecimentos que estão a produzir-se; suas palavras estão plenas de realidades presentes; ela canta o presente: Maria que está diante dela e seu Filho. O evangelista e a Igreja cantam observando os acontecimentos passados; entre esses e os escritos de Lucas há um lapso de tempo de mais ou menos cinquenta anos; e nesse intervalo há a luz da ressurreição, a manifestação de Pentecostes, as missões em todas as partes do império romano e mesmo além. Estamos diante de dois tipos diferentes de fé, mas fé em continuidade e uma nutrindo a

outra: Isabel encontra-se no presente da salvação que começa; Lucas está no presente da salvação acontecida, no presente da missão.

Isabel fala diretamente a Maria e lhe dá elogios; alegre-se com a maternidade dela, glorifica a grandeza de seu Filho e admira a audácia de sua fé. Ela faz uma releitura do dia da Anunciação: nesse dia Maria foi abençoada, nesse dia começou a ser a Mãe do Senhor, nesse dia demonstrou uma fé extraordinária; mergulhou na aventura de Deus que deseja ser homem entre os homens. Sua jovem prima se encontra no solar da casa; Maria acaba de saudá-la e o menino exultou no seio de Isabel. Seu hino é repassado da alegria que ela experimenta ao acolher Maria em sua casa. Isabel descreve a jovem Maria tal como a percebe, ao entrar em sua casa: mulher bendita, jovem mãe do Senhor, forte na fé. E em tudo isso, Maria é sua prima, sua jovem prima. Os olhares das duas mulheres se cruzam, suas vozes se misturam, elas compreendem o segredo que as habita. Depois de abraçar Maria, Isabel pôde perguntar: “Como é possível que me venhas visitar? Quem te contou que eu esperava um filho, eu que, durante seis meses, guardei segredo?” Maria lhe fala de sua experiência de Deus, das palavras de Gabriel e do Filho que ela traz consigo e que todos os dias lhe arrebatam o coração. Aqui, na aurora da salvação, explode a alegria de duas mães. Isabel não faz teologia, ela vive, ela acolhe Maria, sua colega na salvação que sobrevém. Deixemos a essas duas mães a alegria de se encontrarem, de se maravilharem, de ambas serem portadoras da vida, de se reconhecerem alvos de um amor especial de Deus. Respeitemos esse momento de alegria!

Passemos a Lucas, àquele que escreve e que tem uma longa experiência de Igreja, participando das viagens de Paulo, procurando testemunhas para escrever seu evangelho. Nos Atos dos Apóstolos, no dia de Pentecostes, ele faz o levantamento do novo império da Palavra que chegou até os Medas, os Partos, os Elamitas, o povo da Capadócia, de Cirene e mesmo de Roma. Sua visão das coisas é diferente daquela de Isabel. Ele compreende o fato da Visitação com um recuo no tempo, com a reflexão que a jovem Igreja teve que fazer, ajudada pelo Ressuscitado e pelo Espírito que conduz à toda verdade. Ele emprega as mesmas palavras que Isabel, porque é ele que escreve, mas o conteúdo é diferente. Passamos da alegria das duas mães a percepções teológicas: Maria não é apenas abençoada aos olhos de Isabel; ela é agora a mulher bendita por toda a Igreja e por todos os tempos; é uma verdade da fé. Jesus não é mais e apenas o Senhor de Isabel; ele é o SENHOR de todos os cristãos. Tudo o que diz Isabel faz parte, agora, do depósito da fé de todos os discípulos de Cristo. A Igreja vai fazer ressoar o hino de Isabel por todos os séculos, em todas as culturas, levando a mesma alegria, a mesma necessidade de dizer a Maria; “Tu és bendita entre todas as mulheres e teu filho é bendito... Tu és a Mãe de nosso Senhor, tu és a Mãe de Deus; para todos nós, és modelo por tua fé audaciosa”. Passamos da transitoriedade do presente, em que estava Isabel, para um presente que não tem fim. Com Lucas, nesse hino nos localizamos na fé da jovem Igreja, uma fé consolidada, que pinta de Maria um quadro definitivo. Onde Maria expressava sua alegria e sua fé, nós, hoje, afirmamos nossa fé e nossa alegria, fé e alegria que trilham, com a Igreja, as estradas do tempo.

Há também uma nuance entre o singular e o plural, entre o que posso viver em minha relação com Maria, e o que a Igreja pode viver como povo de Deus. Quando estou sozinho, revivo os sentimentos e as emoções de Isabel. Quando esse ritmo se torna liturgia, encontro-me entre o povo de Deus, fazendo profissão de fé, profissão que pode ser oração extremamente jubilosa.

Portanto, podemos compreender quanto o singular e o plural se compenetraram; quanto o singular prepara o plural e o plural reforça o singular. É o Espírito que faz passar o canto de Isabel para a fé da Igreja; é ele que unifica o singular e o plural. Ele faz de Isabel uma cristã que já canta a fé da Igreja, enquanto a Igreja vai dar durabilidade ao canto de Isabel. O Espírito afina as vozes numerosas; com Ele, Isabel e Lucas encontram lugar em nosso coração; então nosso acolhimento à Mãe e a seu Filho será completo.

18- O MAGNÍFICAT, ESCOLA DE ORAÇÃO

O Magníficat, canto jubiloso de Maria, é uma oração que a Igreja faz sua, na celebração quotidiana das Vésperas. O Magníficat é uma oração que ensina a rezar; observando a mãe, percebemos o que constitui uma oração, e como podemos realizar nosso próprio encontro com Deus.

No Magníficat encontramos, antes de tudo, o que Maria está vivendo: “grandes coisas fez em mim o Todo-poderoso”. É a vida que tece a sua oração; é a situação única de uma jovem que traz no seio o Filho de Deus, o Senhor, como bem haviam proclamado Isabel e o Espírito. Maria parte de sua realidade, da graça imensa que lhe é concedida. A vida dita a oração. Num primeiro momento, é oração no singular. Maria não recita fórmula já escrita, não se vale de um salmo conhecido; olha para o seu interior e deixa brotar sentimentos de alegria, de louvor e gratidão que engrandecem o Senhor. Esse momento de adoração é palpitante de vida. Nós também precisamos deixar que nossa oração integre as coisas que perpassam nossa vida cotidiana, com todos os seus componentes familiares, sociais, sentimentais e espirituais.

Mas a oração de Maria no singular se abre rapidamente à história de seu povo: a todas as gerações, uma depois da outra, todas sob o manto da misericórdia de Deus, desde que Ele se comprometeu com Abraão: “De geração em geração, vai a sua misericórdia”. Aqui, estamos na parte mais longa do Magníficat; estamos na história, a história do povo de Israel: essa também é vida. Aqui Maria também reza com a vida, aquela de seu povo, com as palavras de seu povo; insere sua vida naquela de seu povo. Acolhe as maravilhas que Deus fez com grande fidelidade, de geração em geração. Não obstante, ela canta uma história dramática, a luta de Deus em favor dos seus. A oração de Maria inclui um olhar realista: a história identifica os soberbos, os poderosos, os ricos de uma parte; os humildes, os afamados, de outra. É cheia de contrastes, de injustiças, de opressões, de egoísmo, de dores; mas, sempre perpassada do amor fiel de Deus.

A oração de Maria traça um triângulo cujos vértices são a sua vida, a história de seu povo e Deus, o misericordioso, o fiel. Essa oração, no entanto, se colora dos sentimentos de louvor, de alegria, de gratidão: canta Deus, do primeiro ao último versículo; Deus é o grande protagonista, o alfa e ômega do Magníficat. Maria deixa brotar uma louvação que exulta e, nesse júbilo, ela intui que ela mesma será bendita: “todas as gerações chamar-me-ão de bem-aventurada!” Essa profecia é compreensão da graça que lhe é concedida, da gratidão que deve, e torna-se um modo de agradecer a Deus.

Na escola de Maria aprendemos a rezar com nossa vida, com a história de nosso povo, com as dores e as alegrias de toda a humanidade. É oração no singular e, ainda mais, no plural, com sentimentos de louvor, de gratidão e de alegria que reservam a Deus o lugar central. Lugar esse que envolve toda a história humana em sua misericórdia e que colocou, no seio da jovem Maria, um filho Salvador.

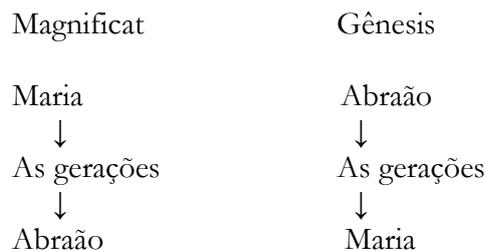
19- NO MAGNIFICAT, MARIA PENSOU EM NÓS

A estrutura do Magnificat é extremamente simples: uma pessoa, o povo, uma pessoa ou, mais precisamente, Maria, as gerações de Israel ao longo dos séculos, Abraão. O canto se desenrola a partir daquela, na qual se cumprem as promessas, para aquele ao qual foram feitas; vai da foz à fonte.

O fio condutor do Magnificat são as promessas de Deus carregadas de bênçãos. A promessa é feita a Abraão, é uma promessa cheia de vida: a sua descendência será como as estrelas do céu, “em ti serão abençoadas muitas nações”. Essa promessa carregada do amor de Deus corre de geração em geração. Deus permanece fiel a si mesmo e a seu povo. No menino que Maria carrega no seu seio, que é a sua alegria, alegria que explode em canto, as promessas se cumprem, a VIDA é dada; em Jesus “todas as promessas de Deus encontram o seu sim” (2Cor 1, 20).

Abraão inspira o Magnificat muito mais do que pensamos. Nele está a fonte, mas a água escorre dele para todas as gerações seguintes. De fato, Deus tem uma linguagem precisa quando se empenha na sua promessa com Abraão: “Quanto a mim, eis a minha aliança contigo: serás pai de uma multidão de nações... Estabelecerei minha aliança entre mim e ti, e tua raça depois de ti, de geração em geração...” (Gn 17, 4-8). Como no Magnificat, também nessa passagem encontramos *Abraão e as gerações* com a promessa divina de permanecer fiel ao pai do povo de Israel e a toda a sua descendência.

O movimento do Magnificat e aquele da promessa feita a Abraão se apresentam assim:



E nós, como achamos lugar no Magnificat?

Na primeira promessa, Abraão se tornará pai “de uma multidão de nações” (Gn 17, 4), portanto, não só pai do povo de Israel. Deus abraça na sua promessa toda a humanidade. A essa multidão de nações Deus é fiel de geração em geração; Deus é fiel a cada povo, em cada povo; somos todos filhos seus.

Isso se torna ainda mais evidente em Maria. No seu canto diz: “Sua misericórdia perdura de geração em geração para aqueles que o temem” (Lc 1, 50). “Aqueles que o temem” é uma categoria aberta, universal, como o são também todas as seguintes: os soberbos, os poderosos, os ricos, os humildes, os famintos, presentes em todas as culturas, em todas as nações, em todos os povos. Israel é aqui, ao mesmo tempo, realidade e símbolo: Israel é ele e todos os outros povos. Lucas, que nos transmite esse canto, de fato não é Judeu, mas alguém “que teme a Deus”, um prosélito de origem pagã. Quando Caifás pede a morte de Jesus: “É de vosso interesse que um só morra pelo povo e não pereça a nação toda”, João comenta: “Não dizia isso por si mesmo mas, sendo Sumo Sacerdote naquele ano, profetizou que Jesus iria morrer pela nação – e não só pela nação, mas também para congregar na unidade todos os filhos de Deus dispersos” (Jo 11, 50-52).

O menino que Maria carrega no seio é a verdadeira bênção sobre todas as nações: “Depois disso, eis que vi uma grande multidão, que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas” (Ap 7, 9). Paulo, o apóstolo das nações, proclama muitas vezes a universalidade da salvação: “Há um só Corpo e um só Espírito, assim como é uma só a esperança da vocação a que fostes chamados; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo; há um só Deus e Pai de todos, que é sobre todos, por meio de todos e em todos” (Ef 4, 4-6).

Esse menino que Maria carrega, cria com afeto e educa, acaba o seu percurso profético sobre a Cruz. Antes de morrer promove sua Mãe a uma maternidade extensiva a todos os seus discípulos: “Eis a tua mãe!” (Jo 19, 26). Já quando Maria tinha no seio Jesus, nele estávamos todos à espera.

Creio nesta constante:

O amor de Deus é universal em Abraão: uma multidão de nações está à espera nele.

O amor de Deus permanece fiel, de geração em geração, nessas nações das quais Israel é o protótipo.

O amor de Deus é universal em Jesus, em Maria, mãe dos discípulos.

Em cada um desses casos nós nos encontramos incluídos, envolvidos pelo amor de Deus, caminhamos no amor do Deus de Abraão até Maria, caminhamos com todas as gerações, com a nossa geração de hoje.

Maria jubilosa, a Mãe de Jesus, canta uma salvação universal, nela há um lugar para nós.

20- OS DOIS MAGNIFICAT

O título desta reflexão pode surpreender, pois a palavra “Magnificat” parece reservada ao canto da Virgem, no limiar da casa de Isabel, depois que esta a abençoou, louvou e declarou bem-aventurada. Como então falar de Magnificat no plural?

Muitos teólogos do Novo Testamento chamam de Magnificat de Jesus àquela forte emoção que lhe saiu do coração quando louva o Pai: “Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e doutores e as revelaste aos pequeninos. Sim Pai, porque assim foi do teu agrado. Tudo me foi entregue por meu Pai, e ninguém conhece o Filho senão o Pai, e ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar. Vinde a mim todos os que estais cansados sob o jugo do vosso fardo e eu vos darei descanso. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para vossas almas, pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve” (Mt 11, 25-30).

Há muitos pontos de contato entre o poema da Virgem e esse hino magnífico do Filho ao Pai. Começamos com a palavra de abertura. No canto de Maria, como no louvor do Filho, encontramos o mesmo verbo grego: “egalliasto” (magnifica), em Maria, e “egalliassen” (te louvo), nas palavras de Jesus. É essa semelhança que induziu os teólogos a falar do Magnificat do Filho.

Mas o paralelo no conteúdo dos dois cantos é muito evidente: aos soberbos, poderosos e ricos de Maria se emparelham os sábios e doutores de Jesus. Aos humildes e aos famintos no Magnificat de Maria se emparelham os pequeninos que Jesus menciona. A escolha do Pai é também a mesma: a recusa do primeiro grupo, a acolhida do segundo: Deus exalta os humildes, os pequeninos. No Magnificat a misericórdia de Deus envolve todas as gerações; na oração de Jesus, a benevolência do Pai opta por revelar-se aos pequenos. Sempre se permanece no âmbito do amor de Deus, da sua lógica em favor dos anawím.

Esse ar de família, entre os dois cantos, se revela ainda mais forte se olharmos as duas pessoas que cantam; Maria se reconhece ‘humilde serva’, e Deus se inclina sobre ela, a pequena. Jesus se apresenta a nós como a pessoa ‘mansa e humilde de coração’, aquele que leva ao cumprimento total o ideal dos Anawím. Para Maria, Deus é fiel, misericordioso e tem a iniciativa da salvação ao chamar Abraão, e fazendo com que se cumpram nela as promessas feitas a Abraão. Jesus mesmo é esse Deus capaz de dar conforto aos que estão cansados e oprimidos, aliás é o Deus manso, humilde de coração.

Intuímos que é o mesmo Espírito que plasma o coração da Mãe segundo o coração do Filho: Têm o mesmo louvor, fazem as mesmas escolhas. A Mãe anuncia as bem-aventuranças do Filho: bem-aventurados os pobres em espírito, os mansos, os famintos de justiça, os obreiros da paz. Ambos escrevem o mesmo programa de salvação.

A Igreja, como também nós, devemos colocar-nos no lado dos pequenos, dos humildes, fazer como Deus, para que a história se torne mais humana. Promover os últimos, na história da humanidade, significa também martírio, perseguições, como para Jesus que acabou na cruz. Os dois Magnificat não são somente entusiasmo e canto; são também luta e sangue, porque os poderosos, os soberbos, os ricos, não têm vocação para ser cordeiros. Há uma violência a ser feita sobre eles, uma violência que os obrigue a ser mais humanos.

Quando Jesus morre sobre a cruz, nasce dele uma humanidade nova, mais humana, mais justa, que abre espaço aos pequenos. A mudança passa pelo sangue derramado.

21- FELIZ O VENTRE QUE TE TROUXE (Lc 11, 27)

Enquanto Jesus assim falava, uma mulher levantou a voz no meio da multidão e lhe disse: “Feliz o ventre que te trouxe e os seios que te amamentaram!”

Trata-se de um grito que nasce no meio da multidão, gente simples, leigos, diríamos hoje, e ainda mais é de uma mulher. Jesus está falando e suas palavras são únicas, carregadas de força e de vida. Fala como alguém que tem autoridade. Suas palavras seduzem. Compreende-se a reação dessa mulher. Ela admira a grandeza desse homem e, como mulher, imagina a glória da mãe de tão grande profeta. Como o fizera Isabel, ela percebe juntos o Filho e a mãe, surpreendida na mesma admiração, no mesmo louvor.

O breve comentário do livrinho “*Prions en Eglise*” (Rezemos como Igreja), de 8 de outubro de 2011, diz: “Como essa mulher deveria estar atenta ao ensinamento de Jesus! Da boca de Jesus saíam palavras cheias de sentido e de promessas. Mas, suas palavras - Jesus parece dizer - é preciso não apenas escutá-las, mas é preciso vivê-las como ele mesmo vive o que ensina. Ele fala de seu Pai e cumpre sua vontade...”

Se fizermos nosso o grito dessa mulher, será preciso observar toda a pessoa de Maria, em suas relações com Jesus, e depois, dizer-nos como podemos aplicar isso em nossa vida.

Os laços de Maria com Jesus são ao mesmo tempo físicos, psicológicos e espirituais. Em sua maternidade, Maria compromete todo seu corpo ao tornar-se templo do menino. Eis que da carne de Maria é formada a carne do Verbo: “E o Verbo se fez carne!” (Jo 1,14). O sangue da mãe, pouco a pouco, se torna o sangue do Verbo. Mais tarde, Jesus poderá dizer: “Tomai e bebei, isto é o meu sangue.” O sangue do Filho corre nas artérias dos filhos e das filhas de Deus. É maravilhoso que de matéria tão bruta como é nosso corpo nasçam maravilhas para a eternidade.

Na jovem que se torna mãe, muda toda a psicologia. Numa jovem mamãe floresce uma nova primavera de emoções, de sentimentos, palavras, gestos de atenção e de afeição. Um amor antes desconhecido nasce no coração da mãe, enquanto o filho nela se forma. Maria – como toda jovem mãe – se concentra no filho, vive para ele; sua alegria, seus sonhos, seus temores se originam do filho. No entanto, aqui os laços se formam entre uma mãe e o Filho de Deus, entre “a cheia de graça” (Lc 1, 28) e aquele que é por natureza “cheio de graça e de verdade” (Jo 1, 14). Fiquemos no plano humano: é extraordinário – Deus se aniquila, desce à nossa carne, e Maria é elevada, acolhe em seu corpo, em seu tempo, em seus pensamentos, em suas preocupações, o Verbo pelo qual e para o qual existem todas as coisas. Maria acolhe esse filho com toda sua inteligência, toda sua atenção, com essa arte de entreter e de educar a vida, que as mulheres têm como por instinto.

Isso se passou entre uma criatura e Deus. Foi possível pela “ação do Espírito Santo” e porque Deus cumulou Maria de graça. Em nível espiritual Maria fora preparada. Quando Gabriel saúda Maria: «Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo» e ainda: “Não temas, Maria, achaste graça diante de Deus”, Gabriel constata uma situação que perdurava no tempo - “O Senhor está contigo, Maria, desde sempre; desde sempre, achaste graça”. O arcanjo revela claramente a Maria o amor que Deus lhe tem. Maria vive no mundo do amor de Deus, abrangendo seu coração e sua alma. A mensagem completa da Anunciação diz a Maria: o Pai está contigo, o Filho está em ti, o Espírito está sobre ti: Deus te reveste com vestimentas de salvação; diz-se de ti que és “a mulher vestida de sol” (Ap 12, 1).

A esse nível da alma e do coração, Maria responde no tom do serviço, da humildade, da fé, da gratidão: “Eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1, 38). É verdadeiramente a copa vazia que se deixa encher de Deus. Entretanto, Maria não esquece de responder também no registro do amor. A fórmula «Eu sou a serva...» era uma fórmula de matrimônio empregada por Rut quando passa sua primeira noite com Booz: “Eu sou Rut, tua serva... estende sobre a tua serva a barra

do teu manto” (Rt 3, 9). Abigail, pedida em casamento por Davi, respondeu: « Tua serva é como uma escrava para lavar os pés dos servidores do meu senhor” (1Sm 25, 41).

No grito da mulher que admira Jesus, há toda essa densidade da mãe: feliz em seu corpo, feliz em seu espírito, feliz em sua alma. Como diz a antífona das missas da Virgem Maria: “Bem-aventurada és tu, Virgem Maria: tu trouxeste o Criador do universo, colocaste no mundo aquele que te fez, e permaneces sempre virgem”. A Igreja conserva a aclamação da mulher maravilhada e torna-a sua.

Jesus, no entanto, é rápido em meter no plural o que essa mulher havia dito no singular. Ela exclamara: “**Feliz** a mãe que te trouxe...”; ele acrescenta imediatamente: “Antes, **felizes** aqueles que ouvem a palavra de Deus e a observam”. Jesus nos abre totalmente as portas da salvação e diz: “O que minha mãe fez, vós podeis fazê-lo”. Mas precisamos captar que “guardar a Palavra” implica no engajamento de nosso corpo, de nosso espírito e de nosso coração. Em nós também a Palavra deve penetrar todo o nosso ser.

O comentário de « *Prions en Eglise* » de 8 de outubro de 2011, dizia assim: “Maria faz parte desses bem-aventurados reconhecidos por Jesus, por que a partir da Anunciação, até a tarde de uma certa sexta-feira, ela foi a discípula que escutou Deus lhe falar; e ela aceitou que lhe fosse feito segundo essa palavra. Bem-aventurada Virgem Maria, mostra-me o caminho da verdadeira felicidade.”

Essa beatitude acompanhou Maria por toda sua vida: era a mulher que tudo conservava amorosamente em seu coração. Como Deus é o Deus fiel assim Maria foi a serva fiel.

22- HISTÓRIA OU TEOLOGIA? TEOLOGIA E HISTÓRIA?

A passagem de Marcos 3,20-21, que continua em 3,31-35, dá margem a interpretações controvertidas, umas contra a Mãe de Deus, outras francamente a seu favor.

« Jesus voltou para casa, e outra vez se juntou tanta gente que eles nem mesmo podiam se alimentar. Quando seus familiares souberam disso, vieram para detê-lo, pois diziam: “Está ficando louco” (Mc 3,20-21).

« Nisso chegaram a mãe e os irmãos de Jesus. Ficaram do lado de fora e mandaram chamá-lo. Ao seu redor estava sentada muita gente. Disseram-lhe: “Tua mãe, teus irmãos e irmãs estão lá fora e te procuram”. Ele respondeu: “Quem é minha mãe? Quem são meus irmãos?” E passando o olhar sobre os que estavam sentados ao seu redor, disse: « Eis minha mãe e meus irmãos! Quem faz a vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe” (Mc 3, 31-35).

Um bom número de exegetas e teólogos protestantes observam que, nessa ocasião, a fé da Virgem Maria conheceu um momento de fraqueza. Ela é compreendida na família em que se pensa que “Jesus perdeu a cabeça”; ela seria quem orienta a família a ir buscar Jesus, porque Ele não tem nem mesmo tempo para comer em paz. E Jesus a opõe àqueles que o escutam e fazem a vontade de Deus. Certos teólogos veem uma constante nesse comportamento da mãe; ela não compreende seu Filho. Mesmo em Caná, Jesus é obrigado a dizer-lhe com palavras fortes: “Mulher o que há entre ti e mim; minha hora ainda não chegou” (Jo 2, 4). Para esses exegetas protestantes, essas duas passagens de Marcos são certamente históricas e pouco favoráveis a Maria.

Mas, se, pelo contrário, lemos esses versículos de Marcos como constituindo, primeiramente, uma leitura teológica, como revelação de alguma coisa extraordinária na nova fé cristã, então toda a

perspectiva muda. Com efeito, Marcos revela aqui o que é *a família espiritual* de Jesus. Para dar relevo a essa revelação, ele lhe opõe a família de sangue, na qual a mãe é a melhor representante. A condição para entrar nessa família espiritual de Jesus é a escuta da Palavra e o esforço para cumprir a vontade de Deus. Essa condição permite à família espiritual de ser universal, de ignorar as barreiras do sangue, de pertença a um povo, a uma cultura. A família espiritual de Jesus é aberta a todos os povos, a todas as culturas, a todos os tempos. Isso permite a nós, hoje, de podermos fazer parte dessa família. Essa revelação da família espiritual é um tesouro extraordinário. Mateus e Lucas, que também se inspiram nesses versículos de Marcos, registram essa mesma lição. O que aconteceu a Maria está agora à disposição de todos aqueles que querem fazer a vontade de Deus, ou, como diz Lucas, escutar e viver a palavra (Lc 8, 21). O que estava no singular é agora oferecido a uma pluralidade sem limites.

Para dar relevo a essa revelação, Marcos vai servir-se de vários procedimentos literários:

1- O primeiro é o de opor a família de sangue à família espiritual.

2-Essa oposição parte de longe e, primeiro, na opção de Marcos ao mostrar os discípulos de Jesus como pessoas que não o compreendem, incluindo nesse número a família de sangue. Os exemplos de fé, em Marcos, não são os discípulos, nem a família, mas as pessoas humildes do povo.

3-Depois Marcos constrói, de um capítulo a outro, uma oposição sempre mais forte contra Jesus. O auge é atingido quando a própria família pensa que Jesus está louco e os escribas, vindos de Jerusalém, o declaram possuído por Belzebu.

4- Essa cena de Marcos é construída a modo de sanduiche. Nesse procedimento, os dois extremos do texto encerram um corpo da mesma natureza. Os dois extremos são, aqui, os versículos 3, 20-21, depois 3,31-35: pensa-se que Jesus está fora de si; por isso, querem levá-lo a força para casa. Os versículos internos – 3,22-30 – mostram os escribas, procedentes de Jerusalém, tratarem Jesus como possesso.

5-O artifício literário encontramos-lo também no lugar reservado à mãe, o membro mais significativo da família de sangue. Quatro vezes ela é colocada no início da enumeração dos membros da família; na quinta vez, ela é a última citada. Assim colocada no texto, Maria faz um espécie de inclusão: ela aparece no começo e no fim dessa cena.

6-Esse texto é também um tecido de tradições diferentes: há aquela que não mostra somente a mãe e os irmãos e acrescenta as irmãs; aquela que diz que Tiago e José, irmãos de Jesus, são em realidade os filhos de uma Maria que não é a mãe de Jesus (Mc 15,40); e outra tradição que afirma ser essa Maria somente a mãe de José (Mc 15,47).

7-Na família de Jesus alguns ousam pensar mal de Jesus, mas Maria então está ausente; enfim, constitui-se o grupo da família que vai a Jesus, o que é muito positivo. Quando Jesus surpreende e choca, é o momento de ir a ele. Aqui Maria é constantemente mostrada à frente do grupo de família que deseja encontrar Jesus. Esse grupo de família, orientado por Maria, se expõe à verdade.

8- Nos versículos 3,20-21 a multidão não permite a Jesus o tempo de comer: imaginamo-la desordenada; nos versículos 3,31-35, essa multidão está sentada em redor de Jesus, está tranqüila e escuta-o com alegria.

Podemos concluir que a realidade histórica foi reelaborada em favor da lição teológica, por isso, é difícil saber o que realmente se passou na família, ao passo que está claro que a família espiritual é para nós um enriquecimento extraordinário. Esse texto de Marcos contém elementos de história, mas é antes uma lição de teologia: os limites estreitos do sangue rompem-se em favor de uma família universal.

A condição para pertencer a ela é a escuta e o acolhimento da palavra, no esforço de fazer a vontade de Deus. Na Anunciação, Maria é a primeira a satisfazer essa condição: ela submete-se totalmente à vontade de Deus. Na cruz, João nos mostra que ela, a mãe, e o discípulo amado formam a primeira célula do povo novo, salvo por Cristo; eles constituem o primeiro início da Igreja. Lucas nomeia-a no Cenáculo, entre o primeiro grupo de discípulos; ela participa na primeira oração da Igreja que invoca o Espírito.

23- ESTRANHAS COINCIDÊNCIAS

Os evangelhos apresentam, por vezes, estranhas coincidências a respeito da Mãe de Jesus. Elas não parecem ter as mesmas polarizações e, no entanto, finalmente conseguem se harmonizar, a propor uma mensagem unificada. São as passagens em que Maria, sempre nomeada como “a Mãe de Jesus”, é citada com os irmãos de Jesus. Outra coincidência encontramos no modo pelo qual Marcos apresenta Maria, em 3, 31-35 e Jo 19, 25-30): usam o mesmo procedimento literário. Duas circunstâncias como opostas e que, no entanto, criam um olhar favorável para com a Mãe do Senhor.

Três vezes o Novo Testamento apresenta Maria e os irmãos de Jesus juntos, Maria sempre encabeçando o grupo e sempre citada como “a mãe de Jesus”. Os evangelistas insistem sobre esse laço único que a liga com seu Filho e é para eles o que tem mais importância.

O binômio mãe - irmãos aparece pela primeira vez em Jo 2, 12, após o primeiro sinal em Caná. Maria tem uma presença muito positiva neste primeiro sinal: ela se dá conta de que o vinho estava para acabar, que a festa do amor poderia decair; ela faz quase uma violência a seu Filho para que controle a situação. As consequências da iniciativa da mãe são numerosas: as jarras vazias se enchem de água (o batismo), a água trazida se torna vinho (Eucaristia), o Senhor manifesta sua glória, os discípulos veem e creem; começam a partilhar a fé que Maria já vivia; a fé de Maria os influenciou e eles se tornam verdadeiros discípulos. Esse sinal se conclui com a decisão de Jesus de ir para Cafarnaum. Ele rompe com Nazaré, onde ele era o filho de Maria, onde vivia na família patriarcal com muitos primos. Cafarnaum para Jesus significa ser profeta, o homem para todos, sair do quadro limitado de sua família de sangue, abrir as portas à família de Deus que não conhece fronteiras de tempo, de cultura, de nação; família universal, como o coração de Deus, universal.

Neste versículo 2, 12 de João, encontramos pela primeira vez o binômio da mãe e dos irmãos que seguem Jesus e se tornam seus discípulos. Podemos dizer que a iniciativa de a mãe dizer a Jesus que não havia mais vinho tocou também os membros da família de Jesus; a mãe converteu o olhar e o coração dos irmãos de Jesus. Nos comentários sobre o sinal de Caná sublinha-se pouco o impacto que Maria teve sobre os membros da própria família: eles também viram, creram e começaram a seguir a Jesus. A presença de Maria em Caná é toda favorável ao seu Filho, aos discípulos e irmãos. Ela, por sua insistência, constrange Jesus a sair do círculo de Nazaré, a tornar-se homem de Cafarnaum, o homem para todos.

Encontramos, uma segunda vez, Maria com os irmãos de Jesus em Mc 3, 20-21, depois em 3, 31-35. Aqui a compreensão é ambígua, dependendo do acento dado à primeira passagem, 3, 20-21 ou à segunda, 31-35. Os primeiros versículos, 3,20-21, apresentam a família hostil a Jesus. Dentro da família, alguns pensam “que ele perdeu a cabeça” e, por isso, decidem de trazê-lo à força para casa. É uma família que demonstra uma total incompreensão do ministério de Jesus. Marcos a coloca entre aqueles que se opõem ao Senhor, como os fariseus e os escribas de Jerusalém que concluem que Jesus está

posseio e em combina com Beelzebu, o chefe dos demônios. Mas nesses versículos, Marcos não nomeia Maria.

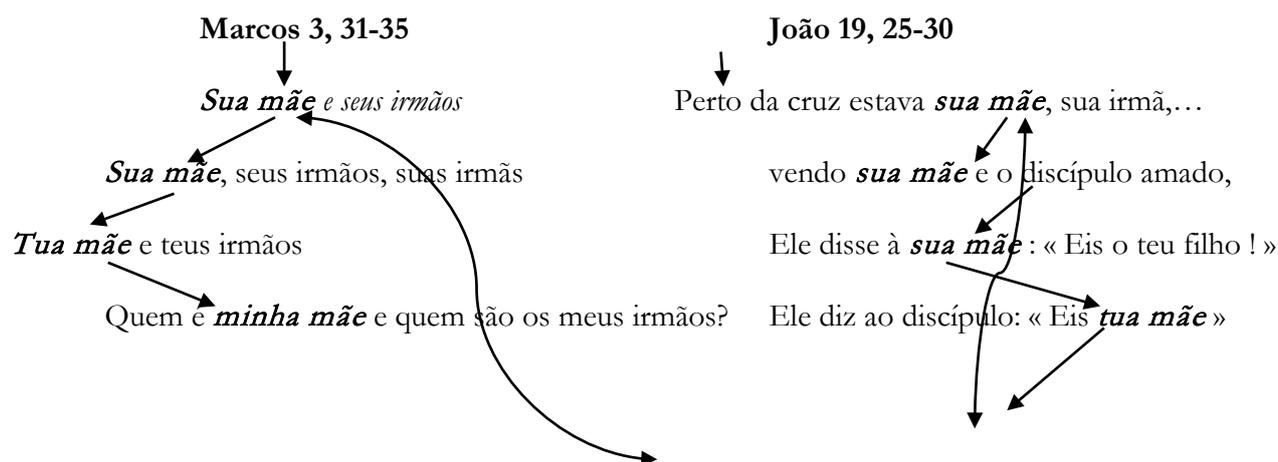
Ao contrário, se acentuarmos os versículos 3, 31-35, encontramos uma família que se dirige a Jesus, se põe na estrada para encontrá-lo, e essa família é guiada por Maria, a mãe. Pode-se perceber ali uma mudança de estratégia, como se a mãe dissesse: “Vamos ver e reencontrar Jesus; é o único modo de saber exatamente o que se passa. Quando ele nos desconcerta é o momento de ir encontrá-lo”. Guiados pela mãe, encontramos uma família que caminha para Jesus. Aparentemente, nada de especial; a família permanece fora da casa em que está Jesus. Na realidade, esse procedimento cria a ocasião para Jesus de falar da família espiritual, aquela que não conhece barreiras, a família universal da qual fazemos parte. O segredo para entrar é “escutar e conservar a palavra: fazer a vontade de Deus”. Maria já possuía essa chave: a Jesus abria o coração e o seio para acolher, guardar e gerar a Palavra. Eis que agora essa graça particular da Mãe é colocada à disposição de todos. Passamos da família que nasce de Maria para a família que nasce da Palavra; em ambos os casos o Espírito se faz presente.

Maria é ainda nomeada com os irmãos de Jesus na oração do Cenáculo, na espera do Espírito. O primeiro grupo de discípulos se reúne na oração, oração que pede a vinda do Espírito para que eles todos se tornem testemunhas da ressurreição do Senhor. Aqui os irmãos de Jesus estão totalmente voltados à causa do ressuscitado. No entanto, eles são citados depois da mãe, como se ela os tivesse atraído para seu Filho. Encontramos um grupo unido, que reza junto, esperando o Espírito, na disposição de serem verdadeiras testemunhas do Senhor. Frequentemente observamos essa Igreja muito jovem recolhida em torno da mãe de Jesus. Ela era certamente quem conhecia melhor e em maior profundidade o próprio Filho; ela o tinha seguido muito antes dos apóstolos. Sobre ela já viera o Espírito, no Pentecostes da Anunciação.

Assim encontramos Maria três vezes com os irmãos de Jesus. Duas vezes, em Caná e no dia de Pentecostes, como um membro muito atuante em favor do Filho. Isso nos convida a ler a passagem ambígua de Marcos 3,20-21 e 3,31-35, de modo favorável a Maria, como aquela que reorienta uma família desamparada para aquele que é o Caminho, a Verdade e a Vida.

Outro ponto de contato encontramos no estilo literário de Marcos 3,31-35 e de João 19, 25-30. Essa aproximação surpreende e, no entanto, é iluminadora porque nos encontramos como em dois polos opostos. Marcos e João se valem do mesmo procedimento literário que consiste em fazer da mãe a personagem de inclusão. Em Mc 3, 31-35, a mãe é citada quatro vezes em primeiro lugar: **a mãe** e os irmãos; ... mas, no fim é nomeada por último: *minhas irmãs, meus irmãos* e **minha mãe**. João 19, 26-30 cria uma situação análoga. Maria é nomeada em primeiro lugar e depois por último: “Perto da cruz de Jesus estava **sua mãe**, ... depois ele disse ao discípulo: “Eis **tua mãe**! E desde essa hora o discípulo **a** levou para sua casa.” Temos aqui a criação da primeira célula da Igreja: mãe e filho, sobre eles Jesus vai enviar seu Espírito. Maria e o discípulo amado são os primeiros a entrar na família espiritual de Jesus, anunciada em Mc 3, 31-35. É evidente que Jesus vê em sua mãe e no discípulo amado os modelos perfeitos e modelos a imitar, sobre os quais repousa o Espírito do Senhor que morre. Desse modo, o que une Marcos e João é a família espiritual, anunciada por Marcos e realizada primeiramente em João.

Esquematizando os dois textos – Marcos 3,31-35 e João 19, 25-30 – obtemos:



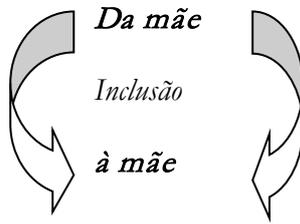
Todos aqueles que fazem a vontade de Deus

E desde aquela hora acolheu

são minhas irmãs, meus irmãos e **minha mãe.**

a mãe em sua casa.

Temos então em Marcos e João:



24. O SANGUE: SERVIÇOS E LIMITES DO PARENTESCO

Marcos 3, 31-35, Mateus 12, 46-50 e Lucas 8, 19-21 insistem muito sobre “a família espiritual” que se forma em torno a Cristo, família sem fronteiras na qual todos são chamados a entrar, qualquer que seja a raça, nação, cultura, classe social, casta e situação econômica. Todos os que aceitam escutar a Palavra e de traduzi-la em vida, procurar a vontade do Pai e de encarná-la, todos esses fazem parte da família espiritual. Devemos ser felizes e agradecidos porque as condições que foram feitas à Virgem Maria são propostas a cada um de nós: escutar e encarnar a Palavra.

Face a essa família espiritual proposta a todos os homens, quais são os serviços e os limites do sangue, como expressão dos laços de parentesco? É pelo sangue, por uma mãe, que Jesus se torna homem e será irmão universal. Pelo sangue é descendente de Abraão e filho do povo de Israel. É pelo sangue que pertence à linhagem de Davi da qual recebe dois títulos messiânicos: filho de Davi e rei. Aqui entra em jogo José, filho de Davi, ele lega esse título a Jesus. Em Mateus isso está muito claro: José é homem justo e filho de Davi (Mt 1, 18-27). Mas em Lucas, José também se faz presente, precisamente no dia da Anunciação, discretamente, mas ali está. Com efeito, o filho que Gabriel anuncia vai herdar o trono de Davi, seu pai. Mas Jesus não pode descender de Davi a não ser por José. Quando José o acolhe em sua casa – ele e sua mãe, - quando ele o reconhece como seu filho, então Jesus herda o título messiânico de “Filho de Davi”. José, colocado à parte, está presente. O sangue, o parentesco humano, Maria e José, prestam grande serviço a Jesus.

No entanto o sangue não nenhuma autoridade sobre Jesus; não tem o direito de confiscá-lo em favor da família, dos pais, das pessoas de sua cidade, mesmo para seu povo. Quando quer fazê-lo surge conflito. É o que vemos em Marcos 3, 20-21 e 31-35, com a família e, mais tarde, com os moradores de sua cidade Nazaré que o empurram para um precipício com intenção de matá-lo (Mc 6,1-6; Mt 13, 54-58; Lc 4,28-30), e João em seu prólogo 1, 11 constata: “Ele veio para os seus e os seus não o acolheram”. O próprio Jesus diz, em Jo 8, 37: “Bem sei que sois descendentes de Abraão. No entanto, procurais matar-me, porque minha palavra não encontra espaço em vós!” O sangue, lamentavelmente, está na origem de muitas guerras, genocídios e crimes; ele é a principal raiz do racismo.

O sangue não é nenhuma garantia de salvação e não tem direito sobre Cristo; não pode reclamá-lo apenas para si. Muitas vezes, os que estão longe encontram mais facilmente o Senhor: os pastores, os magos e os que manifestam uma fé nunca encontrada no povo d’Israel. A família de sangue está destinada a desaparecer; ela desapareceu, onde estão agora os descendentes de Davi? Onde estão os descendentes da família patriarcal de Jesus? Não temos nenhum interesse por eles. A família espiritual, pelo contrário, cresce constantemente, renova-se em cada geração, atinge novas fronteiras. Por causa dela os missionários partem para os quatro cantos do mundo.

Mas quando os parentes amam de verdade, como é o caso da mãe, o amor respeita toda liberdade do Senhor; a vontade do Senhor se torna absoluta. Na família de Jesus, o caso de Maria e de José é diferente daquele dos outros membros; estes o são por acaso; Maria e José, por total obediência a Deus, por grande disposição para colocar-se a serviço do filho dado por Deus. Aqui o sangue não quer impor-se, nem dominar; é serviço, dom e vida. Maria se declara servidora e, por isso, pode tornar-se mãe universal. Ela é a primeira, no Calvário, a passar para a família espiritual de seu Filho.

Em Cristo, o sangue derramado pela multidão é o sinal do amor e da salvação universal. Mais tarde, será derramado o sangue dos mártires. Eles renovam o dom que Maria fizera de si mesma, no dia da Anunciação: um dom total.

25 - ELE NÃO FOI GERADO DO SANGUE

(Jo 1,13)

A Bíblia de Jerusalém, na edição de 1986, traduz no singular o versículo 1,13 de João:

« **Ele** não foi gerado nem do sangue, nem de uma vontade da carne, nem de uma vontade do homem, mas de Deus.»

Assim, no singular, o texto se refere ao Verbo, ao “Verbo que se fez carne e habitou no meio de nós.” Jo 1, 14 celebra o nascimento de Cristo no qual o sangue, a carne e o homem estão ausentes. O versículo 13, no singular, proclama também a concepção virginal do Verbo, diz como Maria concebeu e gerou o filho.

A Bíblia de Jerusalém, e então toda a equipe de teólogos que a traduziu, justifica por uma nota essa versão no singular: “Alusão à geração eterna do Verbo, mas sem dúvida também ao nascimento virginal de Jesus, cf. Mt 1,16 e 18-23, e Luc 1, 26-38 ... A variante “**Eles**” (versão no plural), que não foi adotada aqui, é a mais corrente.”

Vários teólogos levam muito a sério a possibilidade de encontrar em Jo 1, 12-13 uma afirmação da concepção virginal de Cristo. O texto conhece, com efeito, duas traduções possíveis. Todos os manuscritos gregos trazem a tradução no plural:

“**Eles**, que não foram gerados nem do sangue...”

Mas se seguimos alguns manuscritos latinos e todos os Padres da Igreja do segundo século: Justino, Hipólito, Irineu e Tertuliano, a tradução está no singular, insistindo sobre Jesus, mais do que sobre os filhos de Deus, temos como tradução: “**Ele**, que não nasceu da carne...” Assim, para os Padres da Igreja, S. João sabia da concepção virginal de Jesus. É uma grande possibilidade.

Os teólogos modernos que sustentam essa posição são Resch, Loisy, Zahn, Harnack, Buschel, Braun, Boismard, Mollat, Galot, Hofrischter, Ignace de la Potterie e Léon Xavier-Dufour. “Um grupo imponente de escritores do vigésimo século, compreendendo mais protestantes do que católicos, pronunciou-se em favor do texto no singular.”²⁴⁰

De outra parte, R. E. Brown parece opor-se com um grupo, não menos considerável, de outros teólogos. O singular do texto parece ser uma corruptela do plural e a teologia de João não está tanto centrada sobre a virgindade de Maria, mas muito mais sobre a regeneração, sobre a mudança que se opera em nós pela vida do Senhor (Jo 3, 3; 1Jo 2, 29; 3,9; 4,7; 5,1).

Isso é verdade, e pode-se notar quanto João sublinha, ainda com maior constância, que Jesus é o enviado do Pai e aquele que deve voltar ao Pai. Todo o evangelho de João, como já o prólogo, é uma grande descida e depois também uma imponente subida ao Pai. A densa presença do Pai, neste evangelho, é verdadeiramente uma característica joanina.

A palavra Pai está presente 114 vezes neste evangelho; Jesus diz 48 vezes que foi enviado pelo Pai; 18 vezes que ele retorna ao Pai; 20 vezes que está na intimidade do Pai; ele é essencialmente o Filho! João nunca reconhece Jesus como filho de José. É o povo que diz ser ele filho de José, no capítulo 6,42, mas não o evangelista.

Permanece o fato que a Igreja do segundo século é muito favorável à tradução no singular, sublinhando assim a concepção virginal. No documento do segundo século “*Epistula Apostolorum*” lemos: “O Verbo que se fez carne, pela Santa Virgem Maria, foi trazido em seu seio, concebido do Espírito Santo, nasceu não do desejo da carne, mas da vontade de Deus.” S. Inácio de Antioquia que viveu entre os séculos primeiro e segundo, a caminho para seu martírio, em Roma, no ano 107, escreveu sete cartas às Igrejas das cidades em que passou. Nessas cartas recorda com amor a virgindade de Maria. Assim, escreve à

Igreja de Éfeso: “A virgindade de Maria, o nascimento e a morte de Jesus, foram escondidos ao príncipe deste mundo; esses três mistérios surpreendentes realizaram-se no silêncio de Deus.” Ele encoraja os cristãos de Esmirna nestes termos: “Nosso Senhor, segundo a carne é descendente de Davi; mas, segundo o querer poderoso de Deus, nasceu verdadeiramente de uma virgem!”

São Justino, mártir no ano de 150, e mais tarde Santo Irineu, morto em Lyon, em torno do ano 202 depois de Cristo, seguem também esse caminho que leva a reconhecer Maria virgem. São Justino escreve contra Trifão: “Jesus nasceu de uma virgem, de modo que a desobediência provocada pela serpente pudesse ser destruída do mesmo modo como tinha começado. Eva, a virgem sem mancha, concebeu a palavra da serpente, e foi causa de desobediência e de morte; mas, a virgem Maria, cheia de fé e de alegria... respondeu assim: ‘Faça-se em mim segundo a tua palavra’. Com efeito, ela colocou no mundo aquele pelo qual Deus destruiu a serpente, os anjos e os homens que o seguiam.” Em S. Irineu encontramos a profissão da virgindade de Maria inserida em seu credo: “Segundo a antiga tradição, nós cremos num só Deus, criador do céu e da terra, por Jesus Cristo, seu Filho, que aceitou nascer de uma virgem...”

Esses são tantos caminhos que terminam no Credo dos Apóstolos, 180 anos depois de Cristo, depois no credo mais solene de Niceia - Constantinopla (321 e 380). Nessas duas sínteses da fé, a Igreja universal professa a virgindade de Maria.

Essa profissão da virgindade de Maria, na concepção de Jesus, inicia discretamente com São Paulo, quando ele fala da « mulher na plenitude dos tempos » (Gal 4, 4), sem nenhuma alusão a um pai humano. Ela continua em Marcos, pois que José está totalmente ausente em seu evangelho, enquanto Jesus é chamado “filho de Maria”. Mateus, no primeiro capítulo de seu evangelho é muito mais explícito: “Maria, comprometida em casamento com José, achou-se grávida pelo Espírito, antes que coabitassem”, e esse fato é colocado à luz da profecia de Isaías: ‘Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho ao qual será dado o nome de Emanuel’” (Mt 1, 18-23).

Lucas, no relato da Anunciação esclarece ainda mais fortemente o fato de Maria ser virgem e de, em sua virgindade, se oferecer como mãe ao Filho anunciado: “Eis a serva do Senhor...” No solar de sua casa, Isabel a reconhece e recepciona como “a mãe do meu Senhor”.

É nesse feixe de luz que o versículo 13 do prólogo de João pode receber uma versão no singular: “**Ele** não foi gerado do sangue...” A Igreja do segundo século segue essa pista; o nome mais frequente dado a Maria é o de virgem; na Igreja do segundo século, Maria é “a Virgem”.

Maria, virgem, assinala o começo da humanidade que se consagra a Jesus. É uma virgindade que se realiza na maternidade, totalmente vivificada pelo amor maternal. Estamos no nascimento da humanidade futura. Em Maria, a virgindade e a maternidade confessam a natureza total do Filho:

A virgindade proclama a divindade de Jesus,
e a maternidade é a garantia da humanidade de Jesus.
Reconhecer Maria, virgem e mãe,
é professar que Jesus é Deus e homem.

1- Carlo Carretto, *Beata te che hai creduto*, p. 41.

2- R. Schnackenburg, *The Gospel according to John*, volume 1, p. 265.

3- Xavier Léon Dufour, *Lecture de l'évangile de Jean*, volume 1, p.11

26 - A FÉ NO MOMENTO DA CRUZ

É muito bem conhecida a cena do Evangelho de João que apresenta Maria aos pés da Cruz: Junto à cruz de Jesus estavam sua mãe, a irmã de sua mãe, Maria mulher de Cléofas e Maria Madalena. Vendo sua mãe e, ao lado dela, o discípulo que ele amava, Jesus disse à sua mãe: "Mulher, eis aí o teu filho." Depois disse ao discípulo: "Eis a tua mãe." E, desde essa hora, o discípulo levou-a para casa. (João 19, 25-27).

Como a mãe pode estar lá, naquele lugar terrível onde o sofrimento e a morte o seu único filho, a quem ela ama e que é todo o significado de sua vida? Instinto materno, lealdade de mãe, sem dúvida, mesmo se ela não pode fazer nada para ajudar seu Filho; ela é impotente como ele, também ela tragada pela morte.

Que fé foi capaz de vir em auxílio de Maria nesse momento de agonia e morte do Filho? É uma fé que se chama amor, fidelidade, profundo conhecimento do Filho; fé que precede a visão, fé que amadureceu, em seu coração, tudo quanto tinha acontecido ao Filho. Mais e melhor do que Paulo, pode ela dizer: "Já não sou eu que vivo, mas é o Filho que vive em mim" (Gal 2, 20). Desde o início, ela deixou-se invadir pelo Filho, sua vida tinha-se tornado espaço de Cristo.

São-nos familiares, essas obras de arte que representam Maria com seu Filho morto nos braços. São as *Pietà*, sendo a mais famosa a de Michelangelo, à direita, na entrada da Basílica de São Pedro. O sentido da palavra latina 'pietas' foi o da lealdade dos soldados até a morte. Assim, o primeiro sentido da imagem de Maria com Jesus morto nos seus braços é a fidelidade da mãe até a morte. Maria foi fiel até o fim.

A fé de Maria, nessa hora em que o Filho morre, exprime-se num ambiente hostil. É só injustiça, ódio, desprezo, zombaria, indiferença de muitos; o corpo do Filho exposto nu, a solidão profunda de Jesus e de sua mãe. Quem compreendia o sacrifício? Os discípulos mais próximos tinham fugido, escondidos, por detrás das paredes. Agora que Jesus tem suas mãos pregadas, os chefes do povo lembram-lhe os seus milagres e gritam-lhe para descer da cruz. É a condição que eles lhe impõem para acreditar: "Desce da cruz e acreditaremos em ti." (Mc 15,32). E escarnecem dele (Lc 23,35).

Maria não pede nenhum sinal, ela é presença, lealdade e silêncio. Ela olha para o seu Filho e vem-lhe à memória a descrição do Servo Sofredor de Isaías: "Ele não tinha nem aspecto, nem aparência como queríamos. Ele foi desprezado e ignorado pelos homens, homem de dores e experimentado no sofrimento, como aquele diante do qual as pessoas escondem o rosto." (Is 53,2-3). Desde quanto tempo ela comparava esse retrato do Messias com os anúncios da Paixão que seu Filho tinha reiterado a seus discípulos!? O que havia no grande santuário do coração da Mãe para que a fé tenha mantido viva a sua chama? Os anúncios velados da ressurreição? "O Filho do Homem será entregue nas mãos dos homens, e eles vão matá-lo, mas ao terceiro dia ressuscitará." (Mt 17,22-23). Teria ela sabido o que Jesus dissera a Marta, momentos antes da ressurreição de Lázaro: "Eu sou a ressurreição e a vida"? É certo que Maria não entendia tudo, mas ela costumava decantar no seu coração, em oração, as palavras do Filho que ela não tinha entendido.

E ainda houve o silêncio no céu, o silêncio do Pai. A fé de Maria devia acolher esse silêncio. Deus tinha tomado o caminho do silêncio e da impotência; o Pai e o Espírito punham os pés nas pegadas do Filho. Jesus tinha dito: "Eu e o Pai somos um" (Jo 10,30). O Pai, no Calvário também pode dizer: "O Filho e eu somos um." O Filho vê-se humanamente impotente, o Pai vê-se humanamente impotente, o Espírito vê-se humanamente impotente daquele 'poder' que tende a impressionar e a vingar-se. Deus tomou o caminho do amor absoluto; ia revelar-se como amor absoluto; a cruz é o auge do amor absoluto.

Maria também é impotência, silêncio, mas em comunhão com o amor absoluto de seu Filho. Ela está presente e o Filho pode dizer: "Mulher, eis aí o teu filho!". Anuncia uma grande primavera, sinal velado da ressurreição.

Considerando o dom do discípulo amado, São Bernardo fez esta reflexão surpreendente: "Que troca terrível. Mãe de João em vez de Jesus, o servo no lugar do Senhor, o discípulo no lugar do Mestre, o filho de Zebedeu, no lugar do Filho de Deus, um simples homem, em vez do verdadeiro Deus..." (Ofício das Leituras de 15 de Setembro). É mesmo assim! E, no entanto, o discípulo amado e os

discípulos queridos, somos todos invadidos pela presença do Filho, pela santidade do Filho, pelo Seu Espírito. Maria tem um único Filho, Jesus, os outros são filhos no Filho. Não estamos diante do fim da maternidade de Maria, mas diante de uma ampliação sem limites.

Maria revive a fé da Anunciação, novamente uma misteriosa maternidade inicia nela. Maria intui que o seu coração e o seu seio renascem quando Jesus lhe diz: "Mulher, eis aí o teu filho!" A Maternidade da Anunciação experimenta uma nova primavera. Não perdeu validade a resposta de Maria ao Anjo Gabriel: "Eis aqui a serva do Senhor. Que aconteça em mim como Tu disseste." (Lc 1,38). Mas agora já não é Gabriel a falar; é o Filho quem faz seu testamento.

27- CAMINHAR COM OS IMPREVISTOS DE DEUS

Maria experimentou na sua vida uma sucessão de imprevistos que a confrontaram com o projeto de salvação de Deus, projeto escondido desde sempre. Cada imprevisto colocava-a diante de um rumo inesperado e muitas vezes doloroso na sua vida. No inesperado havia sempre um apelo a uma vida de horizontes mais vastos. Ela sabe que é amada por Deus e chamada a fazer-Lhe confiança. Mas também vemos Maria lançar mão das suas qualidades humanas e espirituais para responder às surpresas de Deus. Nesse ponto, ela está perto de nós; a nossa vida também está cheia de incógnitas e surpresas no mundo do trabalho, da saúde, dos laços familiares; essas incógnitas podem tornar-se vias de ressurreição.

Todas as contingências da vida da Virgem Maria provêm de Jesus. Ela tinha um projeto de vida normal, de seu amor humano com o jovem José. Já é sua mulher quando recebe a visita de Gabriel. Estava longe de esperar a mensagem que vem do céu e de adivinhar aquele filho como nenhum, que lhe era oferecido como dom. As primeiras palavras do Gabriel: "Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo," perturbam a jovem Maria, ela adivinha que a salvação está cheia de incógnitas e essas incógnitas exigem reorientar a sua vida para um futuro envolto em mistério. Mesmo depois de dizer: "Eis a serva do Senhor", ela depara-se com situações incertas, "Como vai reagir José? Como é que vai reagir a sua família? Como é que vai olhar para ela a gente de Nazaré?"

Além disso, ela nunca pensou ter de partir imediatamente para Belém: assim o quer o imperador Augusto, mas também José, e principalmente Deus. É certo que Maria, uma jovem mãe, sonhava com um parto em condições para o seu filho, mas ele vai nascer numa gruta, será visitado por pastores pobres, e por sábios vindos de longe e deixando após si o perfume do Oriente. Se em Jerusalém Herodes ficou perturbado, em Belém, a jovem Maria ficou também completamente surpreendida.

Vem depois a subida ao Templo para apresentar o seu filho "primogênito". Começa tudo muito bem. O velho Simeão tece louvores ao Menino com títulos de prestígio: o Messias, a salvação preparada diante das nações, a luz para todos os povos, a glória de Israel. Os olhos de Maria estão em cima de Simeão, densamente habitado pelo Espírito. De repente, tudo escureceu: a criança vai ser um sinal de contradição, será escândalo para muitos, e à mãe é anunciada uma espada, uma espada que lhe trespassará o coração!

Terminada a apresentação da criança, Maria, a jovem camponesa de Nazaré, ouve José que lhe diz: "Herodes quer matar a criança. Temos que fugir para o Egito". É um grande imprevisto para essa pequena família: ter de fugir pelas estradas do exílio com tudo o que isso implica de pressa, de ansiedade e de vida difícil. É o menino que está na origem de tudo isso, é por ele que eles vivem! Ele tinha encantado e enchido a alma deles a partir da Anunciação: ele tornou-se o tesouro de sua vida. Mas desde aquele anúncio, Maria ficou sabendo que Deus é imprevisível e teve de saltar de surpresa em surpresa. No entanto, ela tinha a certeza de que Deus a amava.

Depois de voltar do Egito, seguiram-se dias tranquilos; o menino crescia forte e saudável. Com os seus doze anos, chegou a hora de sua primeira peregrinação a Jerusalém, por ocasião da Páscoa. A Sagrada Família passou uma semana de alegria na cidade santa, cantando no templo salmos ancestrais, salmos de louvor, entre nuvens de incenso. De regresso dão-se conta de que Jesus não está com eles, nem tampouco com os parentes. De alma esmagada pela angústia, começam a procurá-lo. Como é que Maria poderia ter imaginado uma coisa assim? Ela sente que a espada penetra, impiedosa; ela se acha responsável, ela é a mãe que perdeu seu filho, e que Filho! Maria e José vivem a Paixão antes de todos os cristãos: três dias sem o seu Senhor, três dias sem seu filho, três dias em Jerusalém, e exatamente no tempo da Páscoa. E quando o encontram já não é seu filho, mas o Filho do Eterno Pai: "Não sabiam que eu tenho de estar com as coisas de meu Pai?" O menino Jesus começa a distanciar-se da sua família da terra. Trata-se de uma verdadeira revolução no coração da mãe, ela adivinha que ele se afastará um dia para ser o profeta, o irmão de todos numa família universal. No entanto, o adolescente desce com

eles para Nazaré. Seguem-se longos anos de paz. Maria vê crescer o profeta. As suas palavras são únicas, brilhantes, e para com sua mãe tem sentimentos profundamente humanos. Ela tem a intuição que ele vai seduzir as multidões, e que muitos o vão aclamar, e muitos outros virão ter com ele expondo-lhe as suas feridas, e será suficiente tocar a orla do seu manto para ser curado no corpo e receber uma alma que cante o *Magnificat*.

É isso mesmo o que vai acontecer e, no entanto, tudo vai acabar no Calvário: ele na cruz, nu, pregado, escarnecido, morrendo, com o grito misterioso, "Meu Deus, meu Deus por que me abandonaste?". E ele morreu, enquanto ela continua o salmo apenas iniciado. Além disso, exatamente antes, ele havia derramado no seu coração uma maternidade sem fronteiras em favor de todos os seus discípulos, uma maternidade à altura do inesperado de Deus: "Mulher, eis aí o teu filho! "Quem teria pensado que o dia luminoso da Anunciação, que a luz do mundo atingisse o Calvário e a maternidade de Maria extravasasse do Filho aos filhos?

Não é fácil caminhar com esse Deus imprevisível. É preciso ter um coração completamente despojado, imensamente confiante na vontade do Pai. Não é um Deus distante, Ele faz escolhas muito contrárias à nossa natureza: Ele também está no seu Filho, pregado, indefeso; Ele também optou por se deixar submergir pela maldade do homem para nos envolver a todos no perdão da sua misericórdia. Ele é o Deus do inesperado, Ele conduz os seus por caminhos impensáveis. Ele bem tinha dito que se vai a Ele por caminhos estreitos.

Maria caminhou através de todas essas contingências. Sem dúvida, ela ouviu Gabriel dizer-lhe duas vezes: "O Senhor está contigo. Não tenhas medo, Maria." Ela entendeu perfeitamente que a saudação do anjo era antes de tudo amor, depois força, depois fidelidade: Deus estava com ela, por sobre ela, nela. Ela deu uma resposta de amor ao amor de Deus: "Eu sou a serva do Senhor". Mas na sua resposta, que durou uma vida inteira, também encontramos qualidades tipicamente humanas. O primeiro é sua necessidade de compreender, um esforço de inteligência para ver claro: entender a saudação de Gabriel; depois, tudo o que é dito sobre o menino, em seguida, guardar no coração o que não se entendeu de imediato. Maria é uma mulher inteligente. Ao mesmo tempo ela é uma mulher de interioridade, de reflexão, de maturidade; ela vive muito no santuário do coração, onde nasce a luz, onde a lealdade se torna um hábito. Maria é também uma mulher que de imediato afinou pelo diapasão de Deus. O *Magnificat* revela uma mulher que logo alinhou pelas preferências do Filho: os humildes, os famintos. Ela também está no mesmo comprimento de onda das nossas necessidades humanas; ela alerta o Filho, quando o vinho se esgota na festa do amor.

Nós também respondemos ao inesperado com tudo o que somos, com as qualidades que estão em nós, com a profundidade humana que levamos dentro de nós. Maria não evitou o inesperado, ela enfrentou-o, primeiro porque o seu coração estava inundado pelo Filho; é o amor que faz andar por caminhos difíceis. Nós também enfrentamos os desafios da vida ao ritmo das pulsações do coração dentro do nosso peito. As escolhas de Maria abriram muitas vezes o caminho do Filho. Com ele, ela caminhou de inesperado em inesperado, rumo à ressurreição, dia imprevisível e, no entanto, anunciado.

28 - A FÉ DE UMA PEREGRINA

Somos um povo peregrino rumo à pátria; é a fé que nos anima e nos torna insatisfeitos com a nossa terra – por bela que seja – e com a nossa vida aqui na terra, muito embora cheia de momentos de alegria. Abraão é a cabeça dessa humanidade em marcha, dessa humanidade que não se contenta com uma vida mortal. O capítulo XI da Carta aos Hebreus centra-se sobre a fé dos nossos antepassados, povo de caminantes em direção a uma pátria estável. "Pela fé, respondendo ao chamamento, Abraão obedeceu e foi para um país que ele devia receber em herança, e partiu sem saber para onde ia "(Hb 11,8).

Bem no centro desse povo em marcha, juntando aos nossos os seus passos, está Maria, a Mãe de Deus, a Mãe de todos os discípulos. O Concílio Vaticano II, na Constituição dogmática *Lumen Gentium*, 8, 58, escreve: "Assim, a bem-aventurada Virgem Maria avançou na sua peregrinação de fé". Os padres do Concílio veem Maria em marcha, nessa peregrinação especial que é a peregrinação da fé. Será que os padres do Concílio queriam dizer que Maria também teve momentos de hesitação, de fraqueza, dos quais teve de se arrepender? Não! Mas eles reconhecem que Maria, ao longo da sua vida, passou por desafios, e a sua fé como que se renovava. Maria não viveu de uma fé estagnada, mas de uma fé que corria límpida e que crescia à medida que se aproximava do Calvário. Ela não viveu uma fé fácil, porque ela se deparou com incógnitas e com realidades dolorosas. Os imprevistos - todos por causa do menino que ela tinha recebido e ao qual se devotou completamente - foram muito numerosos, a começar pela própria Anunciação que não constava da sua agenda. Maria permaneceu aberta às surpresas de Deus e cada uma delas constituía um desafio à sua fé: o nascimento do menino numa gruta, a espada que iria perfurar o seu coração, a fuga para o Egito, a perda do menino Jesus no Templo, a crescente hostilidade na família e especialmente entre os chefes do povo e depois a caminhada para a catástrofe do Calvário. A vida da jovem Maria foi um amontoado de obstáculos, mas ela permaneceu fiel. João, em Caná como arquétipo, apresenta Maria como o modelo da fé. Mas, permanecer de pé junto à cruz do Filho revela uma fé muito maior: a lealdade da Mãe, que acredita na bondade e no incrível poder de seu Filho; ela acredita no meio da debandada geral; ela crê no Filho humilhado, espancado, morto, e tem a intuição de que a salvação passa pela morte. É um momento de imensa dor, mas ela fica junto à cruz, ela permanece e é um com o Filho; ela é atravessada pelo sofrimento do Filho.

O que Maria precisa viver exige uma fé mais forte do que a nossa, uma fé que penetre no mistério. É verdade que Deus se lhe tinha manifestado de uma forma única; e única foi a sua experiência de Deus: Deus com ela, Deus sobre ela, Deus nela, - ela, "a cheia de graça". Seu Filho dirá: "muito será pedido a quem muito recebeu!" E Maria recebeu bem mais do que todos nós; é por isso que os caminhos da fé e do amor, por ela percorridos, também são muito mais árduos; no entanto, ela os percorreu.

A canção que segue - "Peregrina na fé", de Amelio Cimini, pincel de Maria, é um ícone que narra todo o mistério dessa mulher iluminada pelo amor de Deus e é nossa companheira na peregrinação da fé.

Ave, Maria,
 lâmpada luminosíssima,
 em Ti permanece
 a eterna Sabedoria;
 mulher forte, nova Eva
 amada e conquistada pelo amor.
 Ave, Maria,
 pequena entre os pequenos,
 Deus Te escolheu
 para confundir os fortes;
 ternura do Senhor,
 Tu és o esplendor, Tu és a testemunha do Eterno.

Ave, Maria,
primeira entre os discípulos,
nos caminhos do tempo
Tu és uma mulher a caminho,
na fé, nos acompanhas,
mãe verdadeira, ao reino da luz.

As últimas linhas são inspiradas: "Nos caminhos do tempo, Tu és uma mulher a caminho e nos acompanhas na fé, como uma mãe real, para o reino da luz. "Somos um povo peregrino, mas Maria caminha ao nosso lado e, nos caminhos da nossa vida, ela acompanha a nossa fé. Ela também teve de viver da fé; a sua vida não foi fácil, nem ficou ao abrigo dos riscos, nem livre da dor. Pelo contrário, o povo de Deus chama-a de "Nossa Senhora das dores". Hoje ela é a Mãe que guia os nossos passos em direção ao Reino da luz. Ela, a amada, toda conquistada pelo Amor, é para nós "ternura de Deus, esplendor e testemunha do Eterno".

Maria, peregrina da fé e nossa mãe, roga por nós!

29- CAMINHAMOS PARA TI

Lourdes, 1º, 2 e 3 de agosto de 2011, na grande extensão da esplanada do Santuário, uma multidão incalculável: mulheres e homens, doentes e saudáveis, jovens e menos jovens, famílias, casais jovens, religiosos, religiosas, padres e bispos. Em toda parte um vaivém tranquilo de pessoas, nas fontes de água, diante da gruta, na piscina. Nas basílicas, sucessivas missas são celebradas em línguas variadas, segundo horários e lugares.

Todo o povo de Deus, especialmente o povo simples, acorre aos santuários da Mãe do Senhor. A missa internacional, na basílica subterrânea de S. Pio X, era participada por perto de 20.000 pessoas com numerosos sacerdotes e um bom número de bispos. A sonorização era perfeita, as leituras em diversas línguas e o coral interpretando os cantos com perfeição: quanta alegria em rezar com essa multidão e sentir-se participante dessas belas liturgias!

Minha atenção era atraída pelo imenso número de fiéis sem títulos e pela espontaneidade de suas orações, de seus gestos: beber da água de Lourdes, tocar o rochedo da gruta, ser mergulhado nas piscinas, acender velas, tomar parte na procissão do SS. Sacramento junto com os doentes, recitar o rosário com vela acesa na mão, por ocasião da procissão noturna, longos períodos de adoração diante do SS. exposto. A fé desse povo simples despertava a minha, e fazia brotar a oração como de uma fonte renovada e generosa.

Esses cristãos, provenientes de toda parte, conhecem pouco os meandros da teologia, ignoram as sutilezas da exegese, mas têm o sentido da fé e são espontaneamente polarizados pela Mãe do Senhor. Não há sublimes reflexões, mas gestos moderados e grande atenção aos outros, sobretudo aos doentes. Eles não se perguntam se Maria é seu modelo; sabem-no e sabem que ela é sua mãe; com ela sentem-se renovados por dentro, mais humanos e mais perto de Jesus. As vezes, nós religiosos, sacerdotes inclusive, temos a tendência de dizer que Maria é particularmente nosso modelo; tendo-se consagrado totalmente a seu Filho é, por título particular, a mãe dos sacerdotes, ela a mãe do Grande Sacerdote, e terminamos por confiscá-la para nós, deixando os simples fiéis de mãos vazias.

Extraio estas linhas de uma revista religiosa: «Se em virtude de sua união com Cristo e de sua total disponibilidade ao Espírito, Maria precede os estados de vida ou vocações, então ela é, junto com seu Filho, o protótipo seja da vida ordinária no mundo (enquanto esposa de José e mãe na família de Nazaré), seja da vida consagrada ao seguimento de Cristo. Mas é preciso acrescentar, segundo Hans Urs von Balthasar, que a Virgem passou do primeiro estado de esposa e mãe de família ao segundo estado de 'consagrada num seguimento radical', e este último terminou por prevalecer sobre o primeiro. A Mãe vive, como o Filho, a passagem do primeiro ao segundo estado quando, no começo, ela é orientada, pela lei do Antigo Testamento, para a comunidade de vida natural com José, depois, no mistério de Cristo crucificado, ela se encaminha para a comunidade sobrenatural de eleição com João.» Em Maria, refletem-se, pois e com certeza, todos os estados de vida possíveis para um batizado; mas no interior desse conjunto, o chamado à consagração total à obra do Filho torna-se, com o passar do tempo, mais legível.» (La Madonnina di Civitavecchia, julho e agosto de 2011, p. 11).

Uma tal reflexão tende a fazer do povo de Deus uma categoria de cristãos de segunda classe; afirma que Maria é o modelo, especialmente daqueles que se consagram a Cristo, quer dizer, dos religiosos e dos sacerdotes. Os simples cristãos estariam eles na impossibilidade de uma consagração total a Cristo?

A verdadeira virgindade, a verdadeira consagração a Cristo, está na qualidade do amor que cultivamos para com ele, e antes ainda, na qualidade do acolhimento que lhe reservamos. Esse acolhimento e esse amor não conhecem as barreiras dos estados de vida. As pessoas casadas podem viver seu gênero de virgindade, cultivando por Cristo uma união extremamente forte. Os simples cristãos dizem-no enchendo os santuários, ocupando-se dos doentes, vivendo uma generosidade que ultrapassa os limites

do razoável, vivendo o sentido da compreensão e da misericórdia. Em sua simplicidade e espontaneidade, convidam os religiosos e os sacerdotes a terem, também eles, uma fé e oração mais espontânea, menos prisioneira do raciocínio.

Há também o perigo de, em Maria, separar a esposa, a mãe e a mulher consagrada. Essa cisão na pessoa não é sadia: Maria ama Jesus com todo seu ser; quando ela ama José, ainda ama Jesus; quando pergunta: « Por que procedeste assim conosco? » ela ama como mãe o filho que entra na adolescência. Quando Jesus morre na cruz, Maria está ali fiel, verdadeira discípula; no entanto, Jesus a chama de « mulher » e « mãe ».

Maria não é, num primeiro momento, o modelo dos discípulos sem título, depois o modelo daqueles que vivem o sacerdócio ou a vida consagrada; ela permanece sempre o modelo de todos os cristãos. O povo de Deus, que disso tem a intuição, muitas vezes precede os religiosos e os sacerdotes. Muitas devoções e festas mariais nascem entre o povo simples e, depois, são oficializadas pelas autoridades da Igreja.

O povo de Deus permanece, sob a ação do Espírito, o grande reservatório da fé, da esperança, da caridade e da devoção para com a Mãe do Senhor. É nossa convicção, Maria não faltará em seu amor para com nenhum de seus filhos, amá-los-á segundo suas necessidades. Nós também vamos a Ela despojados de nossos títulos, simplesmente como seus filhos.

30 – PEREGRINOS DE MARIA

Que acontece quando nos tornamos peregrinos de Maria? Quando desejamos ir a um santuário dedicado à mãe do Senhor?

Primeiramente vemos isso como um chamado, um desejo de achar um momento de intimidade com a mãe de Jesus. Apresenta-se à janela da alma como uma rápida possibilidade, é uma idéia que se acende e se apaga, depois retorna, insiste, sugere o tempo, as modalidades e cria já um clima de oração. É uma força interior que nos põe na estrada, e caminhamos, alcançamos o santuário de Maria, oásis de oração, de paz, de interioridade.

No santuário da mãe, começamos por nos simplificar, deixamos no vestiário todos os títulos que nos damos e que nos dão: cristão fervoroso, religioso, homem influente, padre, bispo, teólogo, exegeta... Tiramos as máscaras, para nos apresentar somente como filho, humilde e transparente diante de nossa mãe. Gostaríamos que toda a desordem de nosso ser se simplificasse, se tornasse transparente, luminosa, sob o olhar da mãe. Sim, procuramos ser humildes perante a mãe e a ter com ela uma relação de criança, de filho, que mesmo adulto, diante da mãe se vê límpido, sincero. Vamos à mãe certamente com todos os nossos problemas, com nossas feridas e nossas alegrias, mas estas são precedidas por uma relação de intimidade, o encontro da mãe, num você e eu em que tudo é gratuito, em que o amor é verdadeiro, presença recíproca que vive a relação mãe-filho.

Nesse clima emerge um forte desejo de oração, uma grande necessidade de encontrar Deus, de reencontrar o sentido profundo da vida; a oração sobe do coração e corre tranqüila, abundante, natural, longe de todo o espírito crítico que por vezes inibe os reencontros com Deus. Num santuário da mãe tudo ajuda a reencontrar Deus, a oração pessoal fora de toda a estrutura, a liturgia: missas, procissões, rosários organizados, grupos de oração, longos momentos de adoração perante o Santíssimo Sacramento exposto. Respira-se um oxigênio espiritual mais denso, a gente quer reencontrar Jesus, tornar a ser dele, muito mais dele, encontrar-se diante de Deus, na simplicidade e na sinceridade que a relação com a mãe preparou. Não somos mais o homem da vida trepidante imposta pelo mundo, damos uma freada, nos tornamos gente espiritual; é um mergulho nessas profundezas que dão

significado, é entregar-se a Deus. Nós nos sentimos filhos diante de Deus Pai, somos envolvidos por seu amor.

Essa operação de simplificação se faz também em relação a todas as outras pessoas como nós a caminho para encontrar a mãe. No santuário de Maria a gente descobre que é irmão, irmã dos outros, a comunhão com todos é mais fácil; as relações transpõem as barreiras, aqueles que, pouco antes, eram desconhecidos tornam-se amigos, próximos, simplesmente porque, na casa da mãe; sabemos que somos da mesma família, vivendo problemas semelhantes, atraídos pela mesma mãe. Vemo-nos particularmente próximos dos deficientes, dos mal-amados da vida, nasce em nós um coração mais humano.

No lar da mãe a gente se sente também mais filho da Igreja; espontaneamente respeitam-se as autoridades: padres, bispos e reza-se com eles e por eles, reza-se pela santidade na Igreja. Mas no lar da mãe, a Igreja faz-se também mais presente, - educadora da fé, cuidadosa das pessoas de saúde abalada, de corações rotos - ela convoca os peregrinos para eucaristias bem celebradas, orantes; nos numerosos pontos de reconciliação ela assegura o perdão de Deus, derrama a alegria no coração e refaz a unidade interior da pessoa. Num santuário da mãe a oração cobre toda a Igreja, desde o papa até o discípulo de fé vacilante.

Parte-se de um santuário mariano como aliviados, renovados, mais humanos, seguros de que a mãe acompanha nossos passos, certos de sermos cobertos por seu olhar maternal. Não somente reencontramos a mãe, os irmãos e as irmãs, a Igreja, mas, sobretudo, nós nos reencontramos a nós mesmos como filhos de Deus. Maria é uma pessoa que reúne, que aproxima Deus dos homens e os homens de Deus, os irmãos dos irmãos, os fiéis da Igreja, o homem de si mesmo.

31 – A AVE ÀS AVESSAS

Santa Maria, Santa Mãe de Deus, quisera dizer-vos a Ave às avessas, partindo de minha morte para chegar à plenitude da graça que está em vós e me deter um momento no cimo desta oração “Bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus!”.

Dizer-vos a Ave às avessas, Maria, é também uma subida, de nossas profundezas para a santidade, de nossas profundezas para vosso Filho. Todas as Ave são uma subida para vosso Filho, depois uma lenta descida para nossa morte. Mas se eu começo com minha morte, então é uma subida para vós, Maria, como Mãe de Deus, para vosso Filho cuja morte contém também minha morte. Depois é uma descida para a bênção sobre o fruto de vosso ventre, a bênção sobre vossa maternidade, para alcançar a plenitude de vossa graça, dizer vosso nome, oferecer-vos a saudação da Ave.

Às vezes o corpo tem seus momentos de dúvida, e as fronteiras da vida se tornam mais próximas; então o vento da asa da morte nos toca de leve e nos desperta. Eis por que, Maria, quero dizer-vos a Ave às avessas, de minha morte a vosso nome, de vosso nome à saudação que soa como um adeus.

Ponho em vossas mãos esse momento da passagem, esse momento que resume a vida. Como o quisera cheio da luz, da graça, da misericórdia que habitam a Ave. Sim, quisera que minha morte fosse plenitude de vossa maternidade. A morte me tornará pobre de tudo, mas rico, eu espero, da luz que ilumina a Ave: a graça da qual estais cheia, a bênção sobre vossa maternidade, a bênção sobre vosso Filho. Vejo-o em vossos braços e ao mesmo tempo elevado da terra, tudo dominando do alto de sua cruz, ele cuja morte acolhe nossas mortes, minha morte, para fazê-las ressurgir na sua ressurreição.

Santa Maria, rogai por nós, na hora de nossa morte, mas também agora. Rogai por nós pecadores, rogai por mim. O panorama de minha vida não é feito só de beleza. “Meu pecado eu o conheço” e por vezes ele me angustia. Ele é mais forte do que eu; minha vontade e minha liberdade se deterioram sob os golpes do mal. E, no entanto, vosso Filho confiou-nos a vós, na hora de sua morte; ele vos encheu de uma força maternal sem limites. A palavra de Jesus: “Mulher, eis teu filho”, torna minha fé mais ousada para dizer-vos: *“Rogai por nós pecadores, agora!”*. Que vosso manto de mãe cubra agora minhas fraquezas e minha maldade; quando vós o entreabirdes, diante de Deus, só haverá flores.

Na Ave nós vos dizemos que sois a *“Mãe de Deus”*. Eu também digo com alegria que vós sois “Mãe de Deus”. Sei também que ao dar-vos esse título adoro vosso Filho: “Deus nascido de Deus, Luz nascida da Luz, verdadeiro Deus, nascido do verdadeiro Deus, gerado...”. Ah! Maria! No dia da Anunciação vos aconteceu algo de grandioso: vos tornastes “Mãe de Deus”. Mas, no Calvário, aconteceu algo ainda maior: vos tornastes nossa Mãe, vos tornastes graça para nós. Essa graça vós não a tínheis no dia da Anunciação, quando Gabriel vos proclamou *“cheia de graça”*; mas o filho que vos foi dado presenteou-vos com a segunda maternidade, na qual todos estamos. *“Santa Maria e Mãe de Deus”*, eis suaves títulos para vossos filhos; eles significam salvação, misericórdia, amor maternal.

Convosco, Santa Mãe de Deus, Santa Maria, eu passo a *vosso Filho, o fruto bendito de vosso ventre*, ele que é o ápice da Ave, que justifica e domina essa oração. É ele que faz de nós vossos filhos, é ele que entra em nossas vidas, ele põe em nós seu Espírito pelo qual gritamos “Abba, Pai!”. Como eu quisera bendizer vosso Filho com as palavras, com a vida, com os escritos, com a oração, na Igreja, com meus irmãos, com os mais pobres, aos quais o Pai revela o Reino. Vosso Filho é digno de uma grande bênção, Maria. Quanto é justo o canto de Isabel: *“E bendito é o fruto de vosso ventre!”*.

Hoje permanece vivo o canto de Isabel: *“Bendita sois vós entre as mulheres”*. Bendita porque o Bendito veio habitar em vós, porque o Verbo em vós se fez carne, porque o Filho nasceu da mulher. Cobri-me, Maria, com a grande bênção que o Pai estendeu sobre vós, com a grande bênção que o Espírito pôs em vós, com a grande bênção que é vosso Filho, Jesus, o Senhor. Vós ficais surpresa diante dessa grande bênção e compreendeis seu imenso valor; também no Magnificat vós profetizais: “Doravante todas as gerações chamar-me-ão bem-aventurada!” Bendita e bem-aventurada vós, a *“cheia de graça”*.

*Ave, Maria,
Ave, cheia de graça,
Ave, vós, a bendita,
Ave, vós, a Mãe do Bendito,
Ave, vós, a Santa,
Ave, vós, a Mãe de Deus,
Ave, vós, a Mãe dos pecadores.
Ave, Maria, quando bater à porta
nossa irmã, a morte.
No dia da morte,
Vós, Mãe, e vosso Filho
acolhei-me na Ave eterna.*

32 – NÃO ÉS TU MARIA?

Tu vives a Anunciação
 cada vez que acolhes a Palavra.
 Tu vives a Visitação
 cada vez que levas a alegria da Palavra.
 Tu vives Natal
 cada vez que geras a Palavra.
 Tu vives a Epifania
 cada vez que mostras a Palavra.
 Tu vives a Cruz
 cada vez que sofres com a Palavra.
 Tu és Maria
 cada vez que partilhas a Palavra.

Tu és Maria
 cada vez que meditas a Palavra.
 Tu és Maria
 cada vez que cantas a Palavra.
 Tu és Maria
 cada vez que procuras a Palavra.
 Tu és Maria
 cada vez que celebras a Palavra.

33 – SIMPLES ORAÇÃO A MARIA

Esta oração não se deve lida nem recitada; mas, meditada, rezada lentamente, deixando que penetre em nós, dando-lhe tempo de depositar em nós sua riqueza, com seu tom de admiração, de assombro e de diálogo direto. Deve ser acolhida no silêncio, frase por frase, segundo o que diz a primeira estrofe: “Maria, ... meu coração quer te amar; meus lábios, te cantar; minha alma, te invocar”.

Maria, grande Maria,
 Mãe de Deus e nossa Mãe,
 meu coração quer te amar;
 meus lábios, te cantar;
 minha alma, te invocar.

Bem-aventurada esperança
 e refúgio bem seguro!
 A Mãe de Deus
 é nossa Mãe.
 A Mãe daquele que nós esperamos
 é nossa Mãe.
 A Mãe daquele que sozinho pode nos salvar
 é nossa Mãe.

Jesus, Filho de Deus, eu te suplico,

pelo amor infinito que tens para com tua Mãe,
concede-me amá-la como tu a amas
e como queres que ela seja amada.

Maria, Mãe boníssima, eu te suplico:
pelo terníssimo amor que tens para teu Filho,
obtém-me de amá-lo como tu o amas
e como queres que ele seja amado.

E que nesse amor se consuma minha vida,
de maneira que meu ser cante
por toda a eternidade:
Bendito seja o Senhor. Amém! Amém!
(Santo Anselmo de Aosta, 1033-1109)

Santo Anselmo nasceu em 1033, na cidade de Aosta, na Itália. Era de família nobre. Trabalhou sobretudo na França, na Normandia, na abadia de Nossa Senhora do Bec, onde foi prior em 1078. Foi nomeado arcebispo de Cantuária em 1093, e lá morreu em 1109. Foi declarado doutor da Igreja em 1720, com o apelido de Doutor Magnífico e Pai da Escolástica. Deixou grande número de orações e de meditações.

34 - GENESEOS

Mt, 1, 1-25

Mateus inicia seu evangelho com a palavra “*geneleos*”, « gênese ». Ele quer significar que um mundo novo está nascendo ao mesmo tempo que termina a longa genealogia dos ancestrais de Cristo. Estamos numa gênese, num começo novo. É a gênese de Jesus Cristo, o homem novo, o Novo Adão. Em Cristo, a humanidade faz um enorme salto qualitativo: nele, a humanidade se impregna de divindade; a divindade habita na humanidade.

Toda a linha dos ancestrais termina em José. Essa sequência, a genealogia de Jesus, começou muito longe; remonta a Abraão, pois ela progrediu pacificamente, com obstinação, durante 42 gerações. A fórmula que traduz o salto de uma geração à outra é sempre a mesma: « *um tal gerou um tal* ». Às vezes, alguma pequena variante, quando o nascimento é um tanto anormal: « *um tal gerou um tal, de fulana* ». São sempre homens os que geram : Abraão gerou Isaac. Isaac gerou Jacó... » Para a cultura judaica e de quase todas as culturas da época, tudo isso é bem normal. Estamos numa linhagem real e o que conta numa casa real é o filho que vai suceder ao Rei. Há também um razão de ordem científica: então, ignorava-se completamente que a mulher trazia um princípio vital. Ela era considerada como aquela que acolhia o único princípio vital, proveniente do homem. A mulher era como uma terra fecunda, como um vaso de eleição. Toda a história do Antigo Testamento se constrói ao redor dos homens. A fórmula « *um tal gerou um tal* » vai até José e nele termina. José é como o último elo do Antigo Testamento.

Depois de José, a tranquila fórmula « *um tal gerou um tal* » desaparece, perde sua força. O homem que descende do primeiro Adão para em José; seu princípio de vida não passa para o Novo Adão, Jesus. O evangelista arma aqui uma fórmula muito estudada: « José, o esposo de Maria, da qual nasceu Jesus ». Estejamos atentos à ordem dos nomes : José, Maria, Jesus. Maria está entre José e Jesus ; ela é aquela que separa e aquela que une. Ela separa José de Jesus quanto à geração. Isso constituirá exatamente o tema da perícopes seguinte. Ela une em si José, seu esposo, e Jesus, seu filho. A mudança estilística, a fórmula da geração, se faz com Maria. Ela já está na novidade radical; ela está nos novos começos, aqueles de uma humanidade habitada pela divindade. Em José acaba o primeiro Testamento ; em Maria começa o Testamento derradeiro. José fora engendrado por Jacó, um homem, segundo a fórmula que começa em Abraão. Jesus nasceu de uma mulher. A fórmula nova, de que se vale Mateus, faz como uma fronteira entre o antigo e o novo.

José hesita diante dessa novidade ; ele não se considera digno de nela entrar. Ele decide, discretamente, despedir Maria para dizer-nos com total evidência que Jesus não é seu filho; é impossível a ele – homem do Antigo Testamento – engendrar o homem novo, o Salvador. Apenas o Espírito sobre Maria pode dar existência humana a alguém que procede do alto. José quer afastar-se desse mundo que emerge. Sente-se estranho, incapaz e, como homem « justo », apaga-se.

É no contexto dessa tomada de consciência que o anjo se manifesta e convida José a entrar no mundo novo: « José, filho de Davi, não temas de receber Maria, tua esposa, porque o que nela foi gerado vem do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho e tu o chamarás com o nome de Jesus. » Duplo convite para entrar: acolher sem temor Maria e o menino, e mais do que isso, dar o nome à criança, o que equivale à adoção.

Quando José disser sim, toda a linhagem davídica começa a inundar o Novo Testamento ; torna-se a genealogia do Messias. Dir-se-á dele que é Filho de Davi, da casa de Davi e que ele é rei. Esses títulos lhe advêm, diretamente, de José. Este se torna assim o elo que une o Antigo e o Novo Testamento. Se

José é o elo, Jesus é a realização de todas as promessas do Antigo Testamento; e é a plenitude do Novo Testamento.

O mundo do Antigo Testamento não morre ; ele se cumpre e se completa. Surge um mundo novo e o primeiro nome que encontramos nesse mundo inédito é o de Maria. Maria indissolavelmente unida a seu filho. A primeira imagem de Maria é a de uma mulher que espera um filho. Não é a Maria Imaculada, não é tampouco a virgem sozinha; mas é a Virgem que vai gerar o Emanuel. Assim fortemente ligada ao filho, Maria pode ser vista como a Nova Eva.